O ESPAÇO DO EREMITÉRIO DE SANTA MARIA SCALA COELI

A Casa Cartusiana do Alentejo

Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora
Luís Ferro
Orientação: Doutora Marta Sequeira
30 de Setembro de 2009

Ao Pe. Antão,

por ter possibilitado a realização deste estudo.

A Marta Sequeira,

por toda a ajuda que me deu e por ter contagiado este trabalho com o seu grande amor pelos conventos da Ordem Cartusiana.

ÍNDICE

7 Resumo

9 Prefácio

11 Introdução

23 Eremitério

- Claustro Grande
- Celas

47 Evolução Morfológica

- 1588 - 1593, Francisco de Mora
- 1588 - 1593, Giovanni Vincenzo Casale
- 1942, Conde Eugénio de Almeida

67 Notas Finais: Identidade cartusiana e especificidades de Santa Maria Scala Coeli.

85 Anexos

96 Bibliografia

99 Créditos de Imagens

104 Índice Onomástico

SUMMARY

The study object of this master thesis is the convent of the Carthusian Order of Santa Maria Scala Coeli, from the XVIth century, close to the Portuguese city of Évora. Its aim is to read the evolution of the conception of its carthusian hermitage – defined by the great cloister and cells – through an analysis based in the comparison with other convents. On one hand, this research contributes to the articulation of this convent with the idea of the convent type of the Carthusian Order and, on the other hand, to identify the particularities of the convent of Santa Maria Scala Coeli.

This study is supported with an analysis that is not only based in written documents, but mainly in drawings and plans related to the various projects for the convent – many of them never published, consulted or even catalogued up to now. These had revealed to be an essential base to a more conscientious understanding of the morphologic evolution of this convent, and had permitted to find out numerous aspects of its architecture totally unknown until now.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado tem como objecto de estudo o convento da ordem cartusiana de Santa Maria Scala Coeli, do séc. XVI, que se localiza junto à cidade de Évora. O seu objectivo é o de estudar a evolução da concepção do eremitério cartusiano – definido pelo claustro grande e pelas celas – através de uma análise comparativa estabelecida com outros conventos. Por um lado, este estudo contribui para a enunciação da ideia de convento-tipo da ordem cartusiana; por outro, para identificar as especificidades do convento de Santa Maria Scala Coeli.

Esta investigação tem como suporte uma cuidada análise não só dos elementos escritos, mas especialmente dos elementos desenhados relativos aos vários projectos do convento, muitos deles nunca antes publicados, consultados ou nem sequer catalogados. Estes documentos inéditos revelaram-se fundamentais para uma análise e compreensão mais consciente da evolução morfológica do convento de Santa Maria Scala Coeli, e descobriram-se inúmeros aspectos até aqui desconhecidos.

PREFÁCIO

Devido à clausura da Ordem Cartusiana, incumbe ao Irmão da portaria, sob a orientação e direcção do Prior, «receber ou suavemente afastar alguém», e o afastar é mais frequente pois o receber é excepção concedida apenas a varões e altamente recomendados.

O Luís Ferro chegou apresentado por bons amigos da Cartuxa e começou a perguntar dúvidas de difícil resposta, mostrando uma intuição detectivesca que despertou a curiosidade dos Cartuxos e espicaçou o seu egoísmo com a possibilidade de ele descobrir novidades. De facto, observava bem e intuía o que até então fora ignorado. Assim conseguiu que se lhe abrisse o pesado portão da clausura.

Os profissionais da arquitectura julgarão a sua investigação. Os Cartuxos admiram as suas descobertas e agradecem-nas, porque tranquilizam a consciência deles pela excepção feita aos Estatutos. O trabalho do Luís Ferro foi frutuoso. Como bom arquitecto, abriu portas e janelas, por onde já entrou e ainda entrará mais luz e ar no conhecimento de Scala Coeli.

Esta dissertação de mestrado revelou ter havido, no século XVI, um desacordo entre os monges e o arquitecto que projectou o plano para a construção de Santa Maria de Scala Coeli. Os monges não respeitaram os planos do convento após a morte do seu autor, e efectuaram algumas adaptações de acordo com as suas necessidades. Como se costuma dizer: «Mais sabe o maluco em sua casa do que o sábio na alheia», e assim se sobrepôs a vontade dos monges à dos arquitectos. Estas descobertas tranquilizam o Porteiro de Scala Coeli pela excepção concedida ao estudante Luís Ferro.

Pe. Antão López
Procurador do convento de Santa Maria Scala Coeli

INTRODUÇÃO

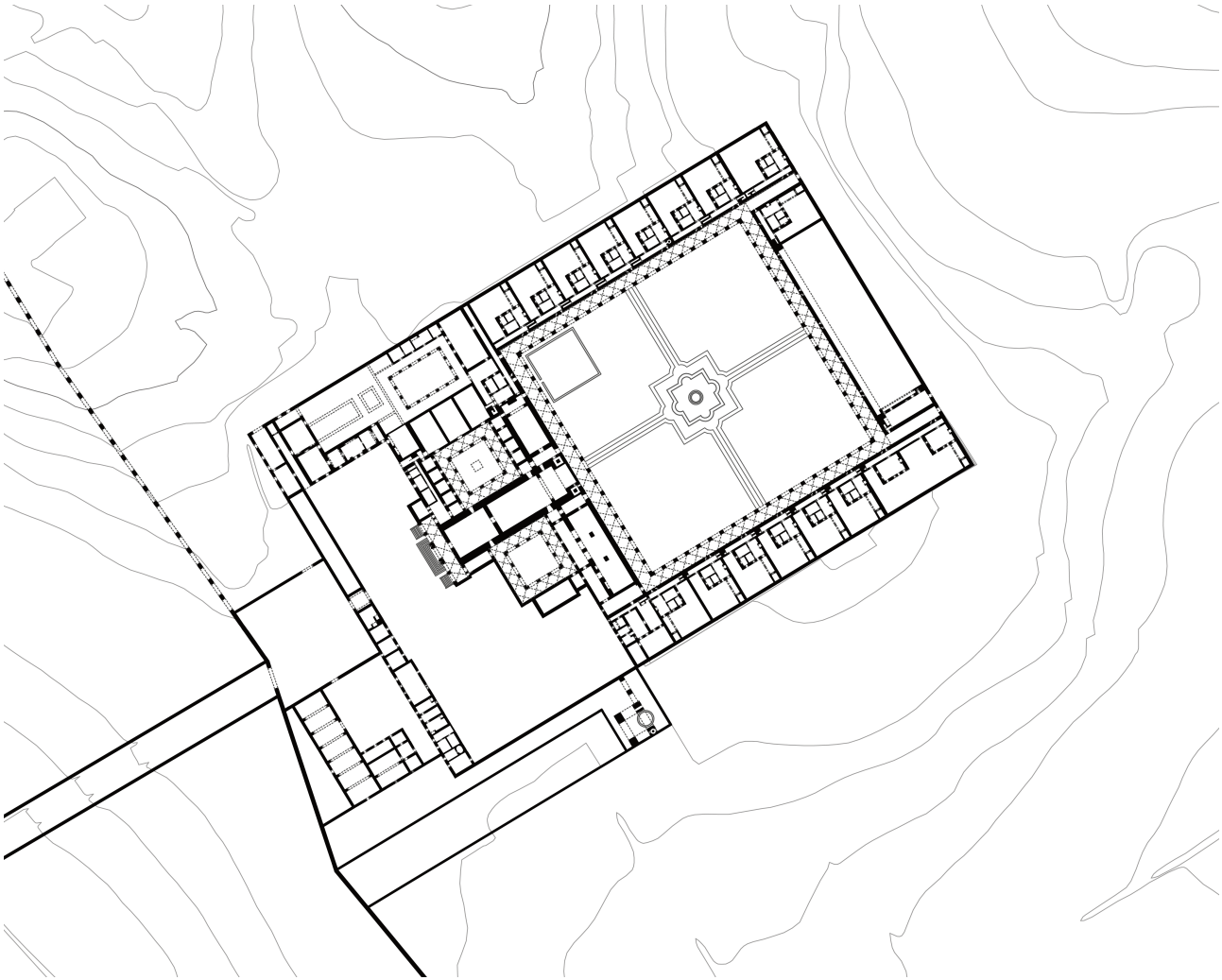
O objecto de estudo deste trabalho de dissertação é a arquitectura do convento de Santa Maria Scala Coeli, que se localiza a 1,5 km a norte da cidade de Évora e vive o espírito de São Bruno, fundador da Ordem Cartusiana.

O convento de Santa Maria Scala Coeli – tal como todos desta ordem religiosa – concilia o estilo de vida eremítico com o cenobítico num perfeito equilíbrio. Da vida cenobítica, tira partido da obediência aos superiores; da eremítica, da solidão e do silêncio, que favorece a comunicação com Deus. A sua comunidade compõe-se de padres e de irmãos conversos. Os padres rezam e trabalham na cela, enquanto os irmãos conversos têm a responsabilidade de realizar todas as tarefas de manutenção do convento, fora da cela, mas isolados.

Para os padres, a solidão e o silêncio são os meios que mais eficazmente dispõem a alma para a contemplação. Mas é necessária a solidão de espírito, que consiste em manter a alma o mais afastada possível de todas as coisas do mundo, para estar em íntima união com Deus[1]. Como referiu, no século XVI, um dos melhores escritores da ordem, João Lanspérgio, «na solidão, o homem purifica-se e conserva-se puro; conhece-se a si próprio e inicia-se no amor a Deus. Na solidão aprende a mortificar a sua carne, a fazer-se semelhante a Deus, a unir-se a Ele. Quem gostar da solidão gostará de Deus. Lá todas as coisas do mundo resultam estranhas, todas as cargas se tornam ligeiras pelo sabor dos bens celestiais. O homem perde-se a si mesmo e encontra a Deus. Mas esta solidão é conhecida de poucos, e poucos sabem amá-la; se os homens tivessem um olhar mais profundo, veriam o tesouro que nela se esconde e todos acorreriam a ela […]»[2]. Os padres só deixam as celas aos domingos e dias festivos para se reúnirem em recreio. Nesses dias, comem juntos no refeitório. À segunda-feira fazem um passeio fora do convento. Nos restantes dias, permanecem na cela, saindo apenas três vezes por dia para se dirigirem à igreja onde, em conjunto com os irmãos conversos, praticam «a Missa, quando o céu começa a inflamar-se, […] as Vésperas, quando o sol faz arder as chamas

[1] Un Cartujo de Aula Dei, *La Cartuja, San Bruno y sus Hijos,* La Editorial Vizcaína S.A., Bilbao, 1961, pp. 66-67.

[2] Um Cartuxo, *São Bruno, a Cartuxa e Évora*, Fundação Eugénio de Almeida, Évora, 2001, pp. 51-52.



2 Planta de Santa Maria Scala Coeli, baseada na planta de Direcção Regional de Edificios e Monumentos do Sul, de 1996

das laranjeiras, e à meia-noite, quando a desordem das estrelas parece ser produzida pelo movimento dos altos pontos dos ciprestes» [3]. Dentro do conjunto dos padres, um deles detém a responsabilidade espiritual do convento. É o monge prior, que tem a função de gerir a vida espiritual cartusiana[4]. É eleito em votação secreta pela comunidade da Casa no capítulo do mosteiro, ou às vezes nomeado pelo Capítulo Geral da ordem, que sucede de dois em dois anos. Um dos seus deveres é o de escolher o procurador, que é o responsável pela gestão dos encargos práticos do convento, e o padre vigário, que é o seu conselheiro mais próximo[5].

As investigações que existem sobre o convento de Santa Maria Scala Coeli são essencialmente cinco – a constante na revista semestral «Monumentos n.º 10», da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais; a que resultou no livro «São Bruno na Cartuxa de Évora, da celebração do IX Centenário de São Bruno»; a registada nas «Actas do Colóquio Internacional A Cartuxa», em especial o artigo «O Restauro da Cartuxa de Évora pelos Condes de Vil'Alva (1942-1960)» de Sara Pereira; e a que deu origem ao livro «A Cartuxa e a Vida Cartusiana»[6].

No entanto, estes documentos ora privilegiam uma leitura baseada unicamente em elementos escritos – praticamente ignorando as fontes constituídas pelos documentos desenhados – ora se centram em âmbitos particulares do convento, que não o espaço eremítico do claustro grande e das celas.

Este estudo, pelo contrário, tem como suporte uma análise cuidada não só dos elementos escritos, como também dos elementos desenhados relativos aos vários projectos do convento – constantes no arquivo da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, no Instituto da Cultura Vasco Vil'Alva, na Biblioteca da Universidade de Évora e na Biblioteca e Arquivo do Convento da Cartuxa. Entre esta documentação recolhida encontram-se elementos essenciais para o entendimento do convento de Santa Maria Scala Coeli que nunca foram publicados, nem consultados por nenhum historiador ou que não estão sequer catalogados pelos próprios arquivistas e que esta investigação publica, analisa e interpreta pela primeira vez. Estes documen-

[3] Um Cartuxo, *A Cartuxa de Portugal. Santa Maria Scala Coeli. Um livro para os curiosos*., Gráfica Eborense, Évora, 1966, p. 6.

[4] «[…] es el Prior de la Casa, en quien reside toda autoridad. El es quien provee todos las cargas y ofícios, […]». Un Cartujo de Aula Dei, *op. cit.*, pp. 37-39.

[5] Un Cartujo de Aula Dei, *op. cit.*, p. 39.

[6] AA.VV., *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, n. º 10, Março de 1999, Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, 1999; Um Cartuxo, *São Bruno na Cartuxa de Évora. IX Centenário de São Bruno*, Fundação Eugénio de Almeida, Évora, 2001; Sara Pereira, *O Restauro da Cartuxa de Évora pelos Condes de Vill'Alva (1942-1960)*, Re-

3 Biblioteca de Santa Maria Scala Coeli

tos, completamente inéditos, revelaram-se fundamentais para uma análise mais consciente do convento.

Por outro lado, esta tese centra-se, precisamente, no que entendemos ser a chave do entendimento deste edifício: o claustro grande e as celas que o rodeiam – ou seja, o seu espaço eremítico, que até agora ainda não teve a atenção merecida por parte dos vários investigadores que trataram o edifício, sobretudo numa abordagem específica da disciplina de Arquitectura.

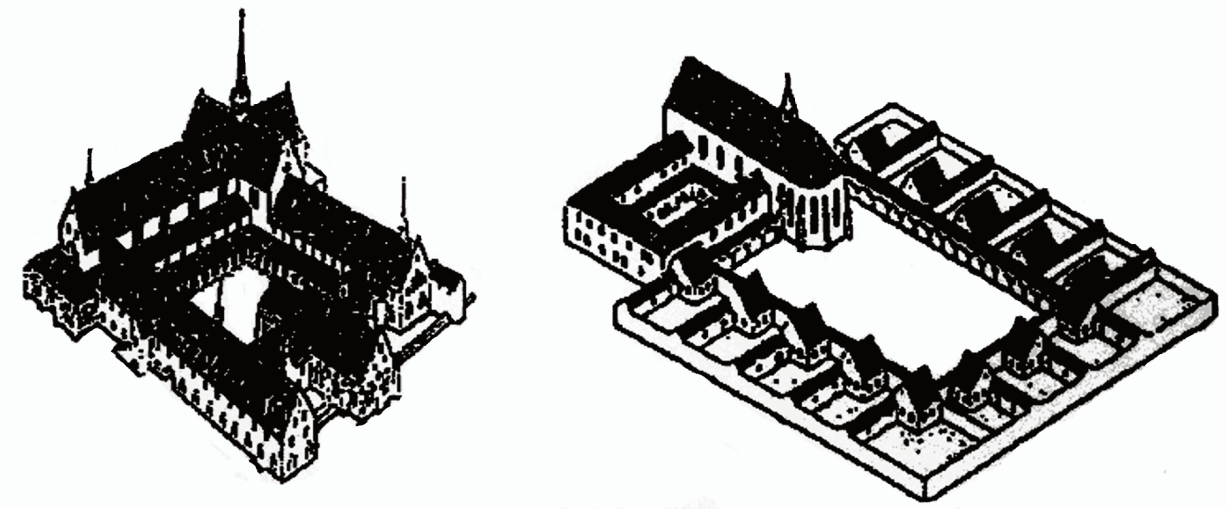
O convento de Santa Maria Scala Coeli, tal como a generalidade dos conventos desta ordem religiosa, é composto por três zonas distintas que se estruturam através de três pátios – o pátio da lavoura, que corresponde à zona de exploração agrícola e pecuária, garantindo a autonomia do convento; o claustro pequeno, que estrutura o cenóbio, agregando em torno de si os espaços comunitários como a sacristia, a sala do capítulo, o refeitório, a cozinha, a biblioteca, as capelas e as celas dos irmãos conversos; e o claustro grande que, juntamente com as celas, define o eremitério[7].

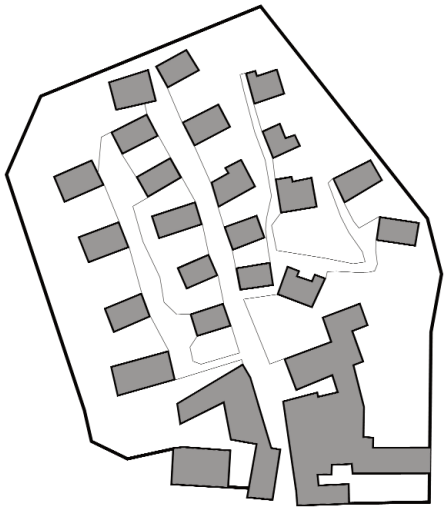
O claustro grande é o elemento que distingue este edifício de qualquer outro mosteiro pertencente a outra ordem religiosa. É o elemento paradigmático que identifica e dá carácter aos conventos da ordem cartusiana. Como se pode ver na imagem 4, ao compararmos Santa Maria Scala Coeli com um convento da Ordem Beneditina – criada por São Bento de Núrsia em 529 d.C. e que, ao contrário da Ordem Cartusiana, tem por base uma vida comunitária e não eremítica – compreendemos que um convento cartusiano apresenta uma estrutura semelhante à do convento beneditino, mas acrescenta-lhe o claustro grande com as celas em seu redor. Da mesma forma, na imagem 5 compararmos ainda o convento de Santa Maria Scala Coeli com um convento da Ordem de Camaldoli, fundada por São Romualdo em 1024 d.C. – eremita, tal como a Ordem Cartusiana –, e percebe-se também a ausência de um elemento que estruture o conjunto das celas. A Ordem de Camaldoli, à imagem dos conventos que existiram nos desertos do Egipto na origem do monaquismo, construiu as celas ao longo de um corredor, galeria ou rua[8]. O que enunciou a estrutura do eremitério dos conventos

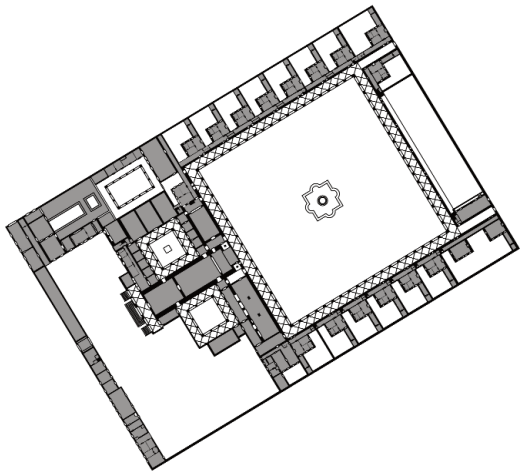
[6] Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora, Ano XV, n. º 29, Separata Eborensia, 2002; Um Cartuxa, *A Cartuxa e a Vida Cartusiana*, Gráfica Eborense, Évora, 1995; *Actas do Colóquio Internacional A Cartuxa*, Fundação Eugénio de Almeida, Évora, 2004.

[7] Carlos Martí Arís, *Las Variaciones de la Identidad. Ensayo sobre el Tipo en Arquitectura*, Ediciones del Serbal, Barcelona, 1993, p. 91.

[8] Jean-Pierre Aniel, *Les Maisons de Chartreux. Des Origines à la Chartreuse de Pavie,* Droz, Genève and Arts et Métiers Graphiques, Paris, 1983, p. 35.







4 Comparação esquemática entre convento tipo beneditino e convento tipo cartusiano

5 Comparação entre convento camaldolense e convento de Santa Maria Scala Coeli

da Ordem Cartusiana poderá ter sido o facto de São Bruno ter sido cónego após o célebre tratado de Saint-Barnard de Romans no século XI, do arcebispo Léger, que, autorizou a construção de dois claustros catedralícios, um justaposto à Igreja, e outro mais distante, a fim de edificar as celas individuais dos cónegos[9]. Como a ordem cartuxa teve a sua fundação em 1084, já se iniciou após este tratado. Pode-se então presumir que a familiaridade de São Bruno com a estrutura de celas em torno de um claustro, foi o factor que marcou e definiu a diferença que existe entre as Casas da Ordem Cartusiana e as da Ordem de Camaldoli. Daqui se depreende a importância e unicidade do claustro grande no conjunto dos mosteiros da arquitectura monástica ocidental[10].

Tendo em conta as singularidades deste espaço eremítico, o objectivo da dissertação é estudar a evolução da concepção do claustro grande e das celas do convento de Santa Maria Scala Coeli, e a sua relação com a arquitectura de outros mosteiros, contribuindo assim para a enunciação da ideia de convento-tipo cartusiano. Após identificada a estrutura base que coloca esta cartuxa em relação a muitas outras – erguidas ao longo dos tempos e essencialmente no espaço europeu –, pretendeu-se enunciar os elementos específicos da arquitectura do convento de Santa Maria de Scala Coeli – que constituem as variações próprias de um caso exemplar.

[9] «Ego Leudegarius sancte matris Ecclesie Viennensis archiepiscopus [...] concedo ecclesie Romanensis clericis quam sanctus Barnardus condidit supra fluvium Ysaram [...] liberam potestatem [...] construendi duo claustra unum vero iuxta ecclesiam ubi communiter et legaliter vivant […] alterum autem ad próprias mansiones edificandas sicut rivuli fontium decurrunt ubi olim vivaria piscim fuerunt; sub tali convenientia ut quicumque illorum ibi aliquam construxerit domum extremam partem domus que ad clausuram pertinet iuxta predictos rivulos in circuitu muro calce et arena compósito claudat […]». Jean-Pierre Aniel, *op. cit.*, p. 36.

[10] No entanto, o claustro já era largamente utilizado na arquitectura religiosa. A habitação do profeta Maomé, que posteriormente serviu como modelo para as mesquitas islâmicas, era estruturada por um pátio que garantia o encerramento de um recinto de grande escala. Quando em Monte Cassino foi edificado o primeiro convento Beneditino, este seguiu a estrutura de vários claustros segundo os quais o complexo monástico se desenvolveu. Da mesma forma se edificaram os conventos de futuras ordens muito influentes no ocidente, tais como Cluny e Cister. Wolfgang Braunfels, *Monasteries of Western Europe: The Architecture of the Orders,* Princeton University Press, Princeton, 1973, pp. 374.

6 Galeria do convento de Santa Maria Scala Coeli

EREMITÉRIO

7

O claustro grande de Santa Maria Scala Coeli tem 76 colunas, e define um recinto encerrado de 98 por 98 m, a partir do limite definido pelas colunas. As galerias têm 4,50 m de largura, tecto abobadado em arcos cruzados, e pavimento de baldosas. Cada ala da galeria tem de um lado o jardim de laranjeiras e do outro «a parede lisa […] donde vem o calor, pois detrás dela palpita a vida dos ermitões.» [11]

A correspondência entre a altura do elemento construído e estes elementos naturais induz a uma grande harmonia. As arcadas do claustro têm 6,40 m de altura, a mesma que a das laranjeiras adultas – espécie que habita e ocupa todo o claustro grande – que se referenciam com o alinhamento das colunas da arcada. Ao centro das quatro galerias do claustro, há um corredor em bucho – com um 1 m de largura e 1,80 de altura – que as une ao tanque central, evidenciando a escala humana. Junto ao tanque, há oito ciprestes que, a um olhar atento, demonstram a coincidência de cota com o volume da igreja, que se encontra ao centro da galeria sudeste, juntamente com a biblioteca, a sacristia e a cela do sacristão.

O claustro grande tem uma grande importância na organização e distribuição das várias dependências do convento. Sucedem-se nas suas galerias portas que ligam às celas, à igreja, à biblioteca, à sacristia, ao refeitório e à cela prioral. As ligações entre as várias dependências têm de se efectuar por intermédio das galerias do claustro. A título de exemplo, o percurso do percurso da igreja para a biblioteca far-se-á sempre por intermédio das suas galerias. Talvez seja por ter uma missão tão simples e nobre, que o desenho do claustro seja de igual naturalidade, sobriedade e eficiência, que nos transporta de muito bom grado ao lado de um jardim. Não nos conduz ou empurra, simplesmente nos abriga, num percurso lento, convidando-nos a contemplar os elementos mais simples – a luz ritmada pelas colunas, o som, o espaço, enfim, a Arquitectura.

As portas das celas têm 1,80 m de altura por 0,90 de largura e 0,90 de espessura, e encontram-se acompanhadas pelas ministras – fenestrações por onde a comida e a bebida do monge entram nas celas. Nos quatro cantos das galerias, encontram-se nichos com imagens[12], e no canto oeste do claustro, perto da

[11] Um Cartuxo**,** *op. cit.,* p. 6.

[12] No canto sul, encontra-se Nosso Senhor Jesus Cristo; no canto oeste, Nossa Senhora da Dores; no canto norte, Nossa Senhora com o menino Jesus; e no canto este, São Bruno. Há ainda nas duas esquinas da galeria sudoeste, dois brasões reais. Estes recordam períodos em que a família real subsidiou intervenções de reconstrução ou manutenção do convento. Sara Pereira, *O Restauro da Cartuxa de Évora pelos Condes de Vill'Alva (1942-1960) in Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora, ano XV – 2002, n.º 29*, Separata de Eborensia, Évora, 2002, p. 124.

8 Percurso da cobertura terraço do claustro grande

9 Percurso pelas galerias do claustro grande

igreja, fica a casa da eternidade.

A casa da eternidade fica no canto oeste do claustro[13]. É um recinto quadrado, encerrado por um muro e três ciprestes que o enunciam. Aí se encontram oito campas. Tem um cruzeiro em mármore, ao centro, em memória dos seus irmãos que já não se encontram entre os actuais habitantes do mosteiro.

A cobertura das galerias do claustro grande é em terraço, valorizando o conjunto do claustro grande e das celas. A subida para a cobertura faz-se por uma estreita escada em caracol – constantemente mergulhada numa densa escuridão – que se encontra detrás do santuário da igreja e que continua o seu percurso de ascensão até ao topo da mesma, onde se encontram os sinos.

Ao sair das escadas, tem-se a sensação que Miguel Torga descreve tão bem, de se ver a forte luz do sol pela primeira vez[14]. Sobre as galerias, somos imediatamente seduzidos pela vista privilegiada para o claustro grande e as suas laranjeiras. Aqui encontramo-nos acima do isolado claustro, simplesmente a apreciar o silêncio. O olhar é atraído pelo tanque ao centro; ouve-se a água. Estamos mais perto do céu, num passeio pelo telhado esquecido; um percurso superior em torno do claustro grande, que se faz sobre as copas das laranjeiras. Encontramo-nos abraçados por um muro branco de cerca de 2 m de altura que anula a presença da linha do horizonte. O muro apenas se quebra nas juntas da galeria nordeste com as galerias sudeste e noroeste, para abrir passagem para dois miradouros, que contraditoriamente à clausura cartusiana, se destinam ao domínio visual da paisagem constituída pelas terras agrícolas em torno do mosteiro, o seu *desertum*.

[13] Informação transmitida verbalmente pelo procurador do convento de Santa Maria Scala Coeli, P.e Antão. Utiliza-se para designar o cemitério.

[14] «A lança da manhã furou-me os olhos./ Vejo! Vejo outra vez/ A brancura da cal rir-se, contente/ De me ver!/ Também ela, com luz, ressuscitou,/ E de mim ou do sol vai receber/ O poema que a noite lhe roubou!» Miguel Torga, *Alvorada, Diário VI,* Coimbra Editora Limitada, Coimbra, 1961, p. 41.

10 Claustro grande

Na arquitectura monástica há dois tipos de celas, o das ordens cenobitas e o das ordens eremitas. Os monges cenobitas vivem em comunidade e dedicam grande parte do seu tempo à realização de tarefas de carácter social ou educativo, muitas vezes fora do mosteiro. Desta forma, as celas correspondem a simples divisões com uma janela e uma lareira, às quais os monges se retiram à noite, para descansar e dormir. Os eremitas, pelo contrário, procuram encontrar Deus na mais profunda solidão. Para tal, as celas deixam de ser uma simples divisão, destinada ao alojamento nocturno, e dão lugar a uma habitação ampla e espaçosa, preparada com tudo o que o utilizador necessita. Na sua cela, o religioso eremita dedica-se à recitação do Santo Oficio, à oração e à meditação, ao trabalho manual e à leitura ou estudo[15].

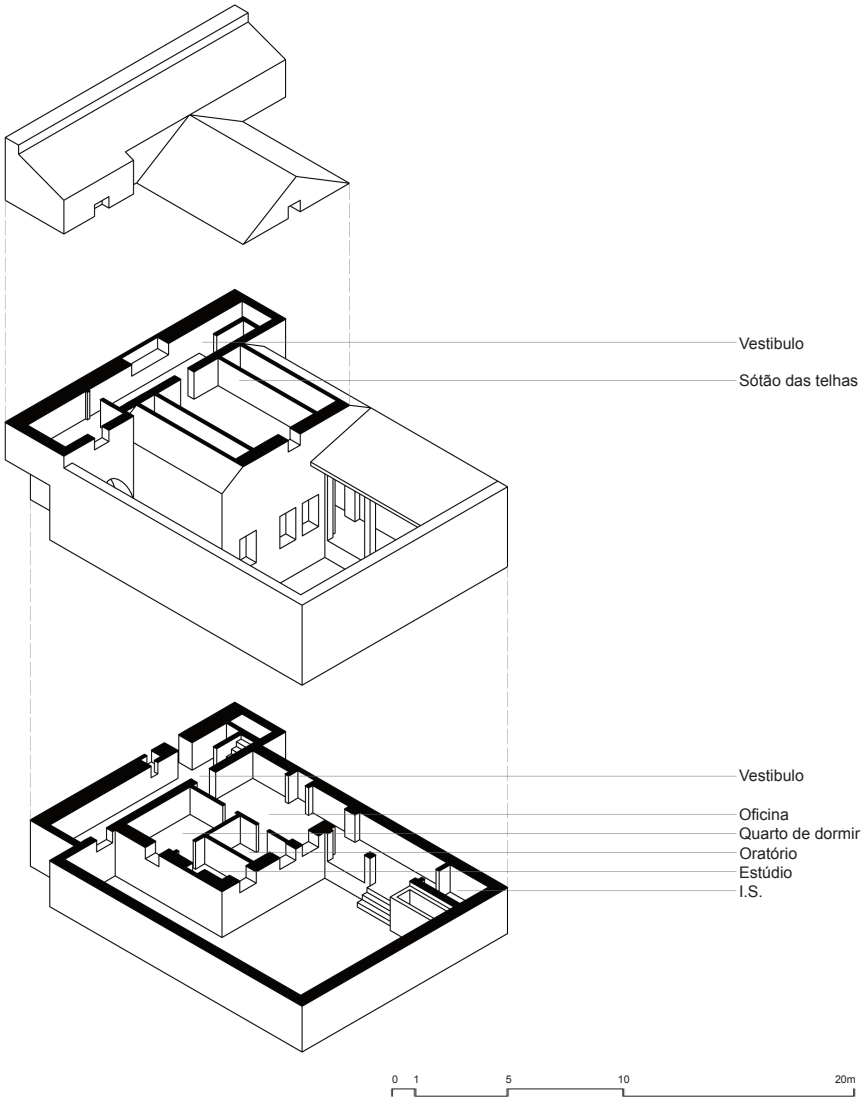
No claustro grande do convento de Santa Maria Scala Coeli, há, actualmente, dezassete celas: treze celas-tipo, a cela do prior, a cela do padre vigário, a cela do sacristão e duas celas de esquina.

Existem cinco celas-tipo na galeria sudeste, uma na nordeste e sete na noroeste. Apresentam 12 m na parede comum com o claustro grande por 17 m perpendicularmente à mesma. A parede que divide as celas entre si apresenta um pormenor cartusiano: é construída por dois muros de alvenaria de tijolo, com uma câmara-de-ar interior, para criar um eficiente isolamento acústico das já silenciosas celas vizinhas. As celas de Santa Maria de Scala Coeli têm dois pisos e um pátio. O pátio tem cerca de 113 m^2 de área, o rés-do-chão coberto, 70, e o primeiro andar, 45. Têm, no rés-do-chão, sete espaços diferentes: o vestíbulo, a sala da avé-maria, o quarto de dormir, o estúdio, o oratório, uma instalação sanitária e um pátio com alpendre voltado a sul. No primeiro andar, têm dois: o andar superior do vestíbulo e o sótão das telhas[16]. Todas as divisões são directamente iluminadas através de janelas que têm vista para o pátio. A divisão em diversos espaços, que se distinguem nas suas proporções, dimensões, iluminação, função e ambiente, atenua a solidão do monge que, ao movimentar-se de uns para os outros, suaviza o duro isolamento da clausura cartusiana.

A entrada na cela é feita por uma porta com 1,80 m de altura por 0,90 m de largura, com o lintel em

[15] Un Cartujo de Aula Dei, *op. cit.,* p. 22.

[16] Segundo o procurador do convento de Santa Maria Scala Coeli, P.e Antão, o nome da sala da avé-maria, deve-se ao costume dos monges cartusianos rezarem uma avé-maria a Nossa Senhora sempre que entram na cela, daí que a divisão que corresponde à entrada tenha esse nome, variando de convento para convento. A designação de sótão das telhas é atribuída pelos próprios monges à divisão do primeiro-andar que é unicamente ocupada como arrumos dos bens dos monges.



12 Axonometria de uma cela-tipo, baseada nos planos da Direcção Geral de Edificios e Monumentos Nacionais

granito e, por cima, um azulejo com uma letra inscrita, que identifica a cela. As reduzidas dimensões da porta e a espessura da parede que a suporta, de 0,90 m, demonstram o carácter privado e íntimo do interior.

Ao transpor a porta deixamos de ver, graças à constante penumbra em que o vestíbulo está mergulhado. Lentamente, os olhos e o corpo adaptam-se ao lugar estreito e comprido que se desenvolve paralelamente à galeria do claustro, e que tem 2 m de largura por 9,30 de comprimento e 3,70 de pé-direito. Chega-nos o som da lenha a estalar na salamandra da oficina. A grande verticalidade e ausência aparente de função do vestíbulo torna-o o cenário perfeito para as mais variadas ocupações e usos, que vão desde o espaço de comer até ao de oficina, ou simplesmente ao local para sentir a frescura produzida pelas suas paredes espessas. O pavimento é constituído por baldosas rectangulares de 15x30 cm. O reboco das paredes é em cal, conferindo uma textura um pouco rugosa que se sente primeiro pelo olhar, e depois é confirmada pelas mãos. O tecto é constituído por uma abóbada de canhão com o mesmo reboco de cal das paredes laterais, o que lhe confere grande unidade, revelando a harmonia das suas proporções[17].

Através do vestíbulo, entra-se na sala da avé-maria. É a mais generosa das divisões interiores da cela – tem 3,70 x 6 m, e 3,80 de pé-direito – e ainda a de maior luminosidade. Nele se encontra uma lareira, de 1 m de altura por 0,60, tanto de largura como de profundidade, que está ao centro da parede. No entanto, aqui queimavam-se árvores inteiras[18], portanto foi colocada uma salamandra, no centro da divisão, que permite um aquecimento mais eficiente e económico[19]. A sala da avé-maria é a dependência dedicada ao trabalho manual, mas serve igualmente como recepção e distribuição para as restantes divisões. Tem uma passagem directa para o alpendre, para o quarto de dormir, e para o oratório.

O quarto de dormir tem ao centro da parede – do lado da porta que dá acesso ao estúdio – um pequeno oratório à frente de um Santo Cristo. Aqui encontra-se como mobiliário apenas uma cama, onde o monge dorme, e um altar onde ora. Ao lado da cama há uma janela para o pátio.

[17] Giovanni Leoncini, *La Certosa di Firenze: Nei Suoi Rapporti com L'Architettura Certosina*, Anacleta Cartusiana, Salzburg, 1979, p. 68.

[18] Esta informação foi fornecida verbalmente pelo procurador do convento de Santa Maria Scala Coeli, o P.e Antão. Demonstra que a lareira demorava muito tempo até conseguir aquecer toda a cela, consumindo para tal uma grande quantidade de lenha.

[19] A primeira salamandra foi trazida directamente da Grande Charteuse, e serviu de modelo a outras trinta, construídas em Évora, para as celas do convento.

13 Vestíbulo de uma cela-tipo de Santa Maria Scala Coeli

14 Sala da avé-maria

15 Quarto de dormir

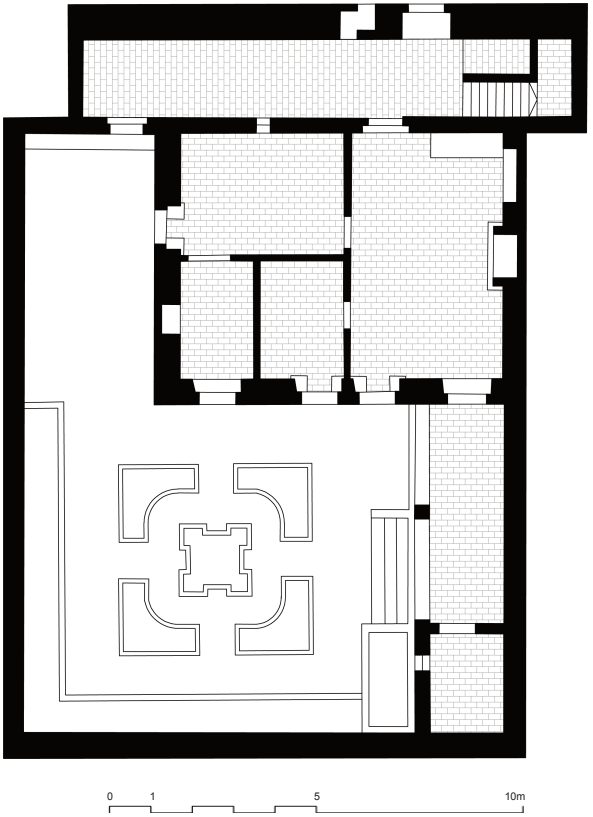
No quarto encontra-se uma porta, através da qual se acede ao estúdio, ou quarto de leitura do monge. É um espaço muito pequeno, de apenas 1,80 m de largura por 2,80 de comprimento. É a divisão de guarida e leitura de livros que são trazidos da biblioteca grande da Casa. Tem uma estante embutida na parede, e uma janela para o pátio, com dois bancos em alvenaria adossados à parede – um de cada lado, usados para aproveitar ao máximo a luz natural, poupando energia artificial de lâmpadas a óleo ou cera. Os bancos convidam à leitura ou à permanência, a admirar as cores vermelhas ou amarelas das flores que alegram e perfumam o jardim.

O acesso ao primeiro-andar faz-se por uma escada de dois lanços com quebra a meio. Em algumas celas, esta escada é iluminada por uma janela de 15 cm de largura por 30 de altura e 40 de espessura, que representa a medida exacta para iluminar a escada. É permitida apenas a entrada de luz necessária. Nem a mais, nem a menos.

No primeiro-andar, encontra-se o espaço do sótão das telhas, que é usado para guardar a lenha para a salamandra; no entanto, é bastante mais importante que a matéria que armazena, pois cria uma antecâmara que isola o rés-do-chão dos ruídos e temperaturas exteriores, tão quentes no seco Verão de longos crepúsculos, e tão frescas no frio Inverno de manhãs cheias de geada.

O único acesso ao pátio faz-se pela sala da avé-maria, por uma porta que liga ao alpendre. O alpendre, com 8 m de comprimento por 1,80 de largura, e 3,70 de pé-direito, tem três arcos e duas colunas em granito, tendo cada arco 2,50 m de distância entre apoios. Fica sempre voltado a sul. No Inverno, torna-se um espaço agradável para o monge receber sol, protegido dos ventos frios de norte. O último arco é fechado para guardar a instalação sanitária.

A instalação sanitária é uma divisão de 2,50 por 1,80 m. Tem louças recentes – uma sanita, bacia e chuveiro – e uma pequena janela que abre discretamente para o pátio. É notável o percurso que o monge tem



16 Estúdio

17 Sótão das telhas

18 Planta de uma cela-tipo de Santa Maria Scala Coeli, baseada no plano da Direcção Geral de Edificios e Monumentos Nacionais

de fazer para ir à casa de banho, não pela distância, que é curta, mas porque tem de sair do interior da cela e atravessar o alpendre.

É pela muralha que se traz água até ao tanque quadrado de 1,50 m de lado por 0,60 de altura, que se encontra ao centro do pátio. Este brinda a cela com o som da água a bater na pedra, tornando o pátio mais apetecível e lúdico[20]. Há ainda outro tanque, de 2,80 m de comprimentos por 1,30 de largura por 1 de altura (em relação à cota do alpendre, visto que a do pátio é variável) que recolhe água pluvial, que se destina à rega e manutenção do jardim. Localiza-se entre as escadas do alpendre e a muralha, longitudinalmente encostado ao alpendre para receber a água que escorre da sua cobertura.

Junto às paredes que limitam a cela, e em redor do pequeno tanque, localizam-se canteiros onde o monge dá asas à sua sensibilidade criando um jardim que, pela selecção da vegetação, demonstra a sua personalidade e carácter.

Segundo Aurora Carapinha, o pátio das celas de Santa Maria Scala Coeli é um espaço de «*geometria simples e* […] *concepção cândida e graciosa*», de proporções acertadas e grande simplicidade[21]. A sua principal função é garantir a iluminação da cela, no entanto como nos diz Álvaro Siza Vieira, «*A arquitectura começa quando nos libertamos da função, do contexto, dos problemas técnicos, económicos; enfim de todas as condicionantes. Quando atingimos isso, acontece o que já existia, mas de forma latente, no espaço. A forma não é portanto o resultado de ter tomado em consideração de forma exclusiva, aplicada, rigorosa, absoluta, as condicionantes, mas de as ter superado*»[22]. Isto verifica-se nas celas cartusianas. Houve múltiplas condicionantes de habitabilidade, conforto, carácter litúrgico e simbólico, e dos hábitos e deveres próprios do convento também, que foram incluídos e resolvidos em espaços bem definidos, autónomos e de grande riqueza espacial e arquitectónica[23].

O pátio tem de contribuir para as boas condições de habitabilidade da cela através de uma boa ven-

[20] Túlio Espanca, *Inventário Artístico de Portugal: Concelho de Évora,* Academia Nacional de Belas-Artes, Lisboa, 1966, p. 311.

[21] Aurora Carapinha, «*Desertum, Claustrum e Hortus: Os Horizontes do Jardim Cartusiano», in Revista Semestral de Edifícios e Monumentos: Monumentos 10, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, Lisboa, 1999, p. 23.

[22] Dominique Machabert e Laurent Beaudouin, *Álvaro Siza – Uma Questão de Medida*, Departement Architecture, Paris, 2008, p. 211.

[23] Giovanni Leoncini, *op. cit.*, p. 68.

19 Pátio de uma cela-tipo

tilação e insolação.

O pequeno canto do pátio, que lhe confere a forma em L, apresenta ao fundo um banco em alvenaria de pedra. Conforme se vê na imagem 20, sentados no banco, de costas voltadas para o vestíbulo, temos uma visão com uma profundidade de 14,5 m. Assim, ao apercebermo-nos que o pátio continua para um dos lados – sem vermos o seu limite –, temos a ilusão de que há outros 14,5 m; porém só há 6,25. Este efeito cria a sensação de uma espacialidade maior do que a que o pátio da cela realmente tem. A ilusão é acentuada por estar rodeado por muros de 5 m de altura. A mesma simulação acontece no interior coberto da cela, através dos tectos abobadados, que transmitem uma ideia de dilatação espacial. É um facto que nos sentimos confortáveis em espaços abobadados, por surgirem mais generosos e amplos do que o que realmente são.

No claustro grande existem ainda celas que diferem do modelo de cela-tipo cartusiana. Há a cela do prior, as celas de esquina, a cela do sacristão e, actualmente, há ainda a cela que foi adaptada a enfermaria. As celas de esquina resultam da adaptação das celas-tipo, rectangulares, a um lote quadrado, provocada pela intersecção de dois conjuntos de celas em galerias de diferentes orientações. A cela do sacristão localiza-se perto do altar da igreja e da sacristia, por o seu utente ter responsabilidades e funções diferentes. A cela do padre vigário também difere por o seu utente ter funções e responsabilidades distintas, superiores às dos restantes monges eremitas. A actual cela do padre vigário, era a antiga cela do prior. Esta cela tem um azulejo em cima da porta com a letra «A». As diferenças que se registam entre esta e as restantes celas do claustro grande, encontram-se na sua fachada – enunciada pela presença de frescos –, na localização que ocupa no claustro grande, na inversão da cela-tipo – aparentando o seu reflexo num espelho –, no aproveitamento do primeiro andar em terraço e na presença de uma cúpula a definir o tecto do oratório.

As pinturas na fachada da cela «A» não são habituais, não se verificam em mais nenhum convento da ordem cartusiana, onde as celas priorais são discretas, aparentemente iguais às restantes, sendo a única

20 Canto do pátio com vista de 14,5 m de profundidade

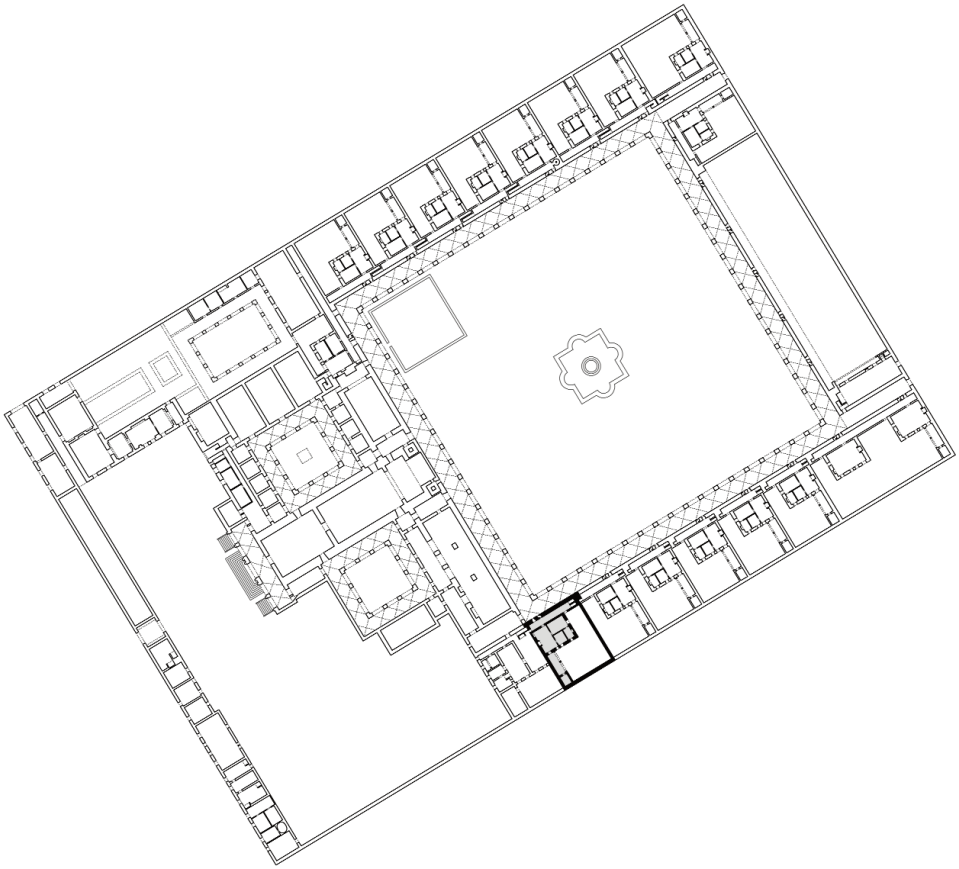
diferença na fachada, a existência de um azulejo com uma cruz por cima da porta em vez da numeração a identificar a cela[24].

Conforme se vê na imagem 21, a cela «A» encontra-se no canto sul do claustro grande para garantir uma passagem fácil entre o eremitério, onde se encontra, e a entrada dos visitantes, onde existiriam as celas dos irmãos conversos, e perto da cela do prior. Como era a antiga cela prioral, foi construída com as especificidades dessa utilização. Para possibilitar a realização de reuniões, foi necessário fazer uma série de adaptações à cela-tipo cartusiana. Em primeiro lugar, as reuniões não podiam violar a intimidade e privacidade do monge prior; logo, aproveitou-se o primeiro andar para estes eventos, tendo então um piso superior utilizável, e não apenas para guardar lenha. Como se pode ver na fotografia, no primeiro-andar havia um terraço a definir a cobertura do alpendre, de onde se podia ver para além do nível superior dos muros da cela, possibilitando a invasão da privacidade da cela vizinha. Com vista à resolução desta questão, efectuou-se uma inversão da cela-tipo – aparentando o seu reflexo num espelho –, afastando o terraço do muro que voltou a ser um limite físico, inviolável e eficaz.

No entanto, comparando a planta desta cela com a de uma cela-tipo, apercebemo-nos que há uma diferença fundamental. As escadas de acesso ao primeiro andar estão no lado oposto do vestíbulo. O local das escadas foi alterado para haver uma porta, que liga o vestíbulo da cela à antiga biblioteca (espaço que actualmente corresponde à cela do prior), assim como ao corredor que conduz ao pátio da lavoura. No decorrer desta investigação verificou-se a existência de uma segunda porta no alpendre do pátio. Esta porta ligava em tempos ao arquivo da biblioteca, uma área reservada ao prior.

A actual cela do prior encontra-se onde existia antigamente a biblioteca e o arquivo do convento, exactamente à saída sul do claustro grande, em direcção ao pátio da lavoura. É maior que as restantes celas e tem dois pisos utilizáveis. Por cima da sua porta, um azulejo identifica-a com uma cruz, ao invés de uma letra,

[24] As pinturas decorativas de que é suporte pertencem ao século XVIII, mais precisamente entre 1720 e 1730, que corresponde à data em que houve obras na igreja – financiadas por D. João V – e em que incluíram pinturas no retábulo. Então pintou-se também a fachada da antiga cela do prior e a cúpula da sua capela. Esta informação foi fornecida verbalmente pelo procurador do convento de Santa Maria Scala Coeli, o P.e Antão.



21 Planta de localização da antiga cela do prior, baseada no plano da Direcção Regional de Edificios e Monumentos Nacionais, de 1996

como nas restantes celas do claustro grande. O monge prior tem na sua cela uma capela com altar para rezar a missa, e não um oratório, para estar mais disponível a todos os irmãos[25].

No claustro grande havia ainda uma divisão com, sensivelmente, 135 m^2, com dois pisos. No rés-do-chão era a prisão, espaço de castigo e penitência, onde se rezava durante longos períodos de tempo, e no primeiro andar estava a livraria[26]. Porém esta divisão está em ruínas e não era uma cela, mas tem – como se pode ver na imagem 23 – um elemento de grande interesse: uma latrina original incluída dentro da parede. Esta divisão foi muito romantizada por ser um espaço de extrema solidão – o ponto mais solitário de um convento onde o isolamento e o silêncio são uma exigência. Fechado num espaço único, dias a fio, o monge ficaria habituado à prisão. Os sons, mesmo os mais baixos e subtis, tornar-se-iam acontecimentos participantes do quotidiano[27].

[25] Esta informação foi fornecida verbalmente pelo procurador do convento de Santa Maria Scala Coeli, o P.e Antão.

[26] Túlio Espanca, *op. cit.*, p. 312.

[27] «[…] já se apoderara dele o torpor da habituação, […] o amor doméstico pelas muralhas quotidianas. […] quatro meses tinham bastado para ele cair no engodo. […] Hábito o rangido da porta no tempo da chuva, o ponto onde costumava bater o raio de luar que entrava pela janela e o seu lento deslocar-se com o passar das horas, a agitação no quarto por baixo do seu todas as noites à uma e meia em ponto, quando a ferida antiga na perna direita do tenente-coronel Nicolesi despertava misteriosamente, interrompendo-lhe o sono». Dino Buzzati, *O Deserto dos Tártaros,* Cavalo de Ferro Editores, Lisboa, 2008, p. 77.

22 Cobertura em terraço da cela do pe. vigário

23 Antiga instalação sanitária que se encontra na prisão

24 Fachada da cela do pe. vigário

EVOLUÇÃO MORFOLÓGICA

25

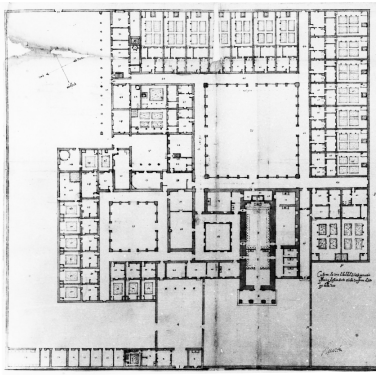
O convento de Santa Maria Scala Coeli, tal como se encontra hoje, é o resultado de uma série de alterações que se deram ao longo dos séculos. Qualquer análise ao edifício que não as considere será, seguramente, uma análise pouco sensível.

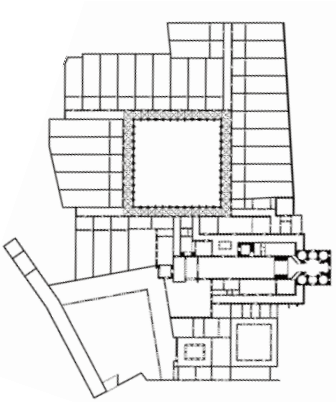
A construção do convento deu-se graças a D. Teotónio de Bragança, Arcebispo de Évora, que a 1 de Janeiro de 1583, «manifesta a sua primeira intenção em introduzir a Ordem de São Bruno em Portugal»[28]. Com esse intento dirigiu uma carta ao Papa Gregório XIII, em que descreve porque deseja especialmente a introdução desta Ordem no reino de Portugal[29]. D. Teotónio obteve do Capitulo Geral da Ordem Cartusiana, celebrado em 1587, o envio do prior da cartuxa espanhola de Scala Dei, D. Luís Telm, com monges dessa Casa, para fundar uma cartuxa em Portugal[30]. Chegaram assim, a 8 de Setembro de 1587, os primeiros sete monges a Évora, ficando provisóriamente alojados no Palácio de D. Manuel, enquanto dirigiam a construção da sua nova Casa. A 25 de Abril de 1593, assistiu-se à bênção, feita por D. Teotónio, à primeira pedra do novo convento. A 15 de Dezembro de 1598, após 11 anos de espera, a comunidade cartusiana mudou-se definitivamente para a nova edificação. Embora esta não estivesse terminada na sua totalidade, era já habitável.

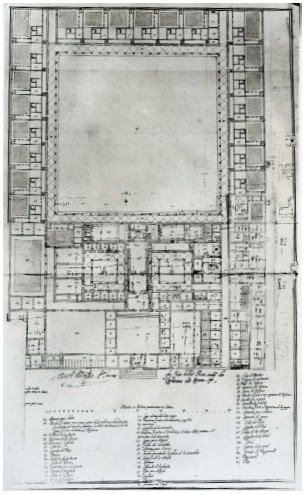
A encomenda do projecto de arquitectura fez-se em 1588, e foi entregue ao engenheiro militar Tiburcio Spanoqui, mas não há registos de nenhum desenho seu.

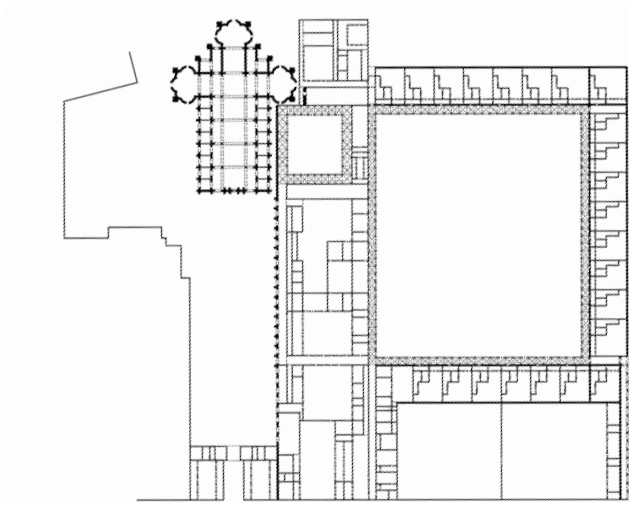
Posteriormente houve a encomenda de um projecto ao arquitecto espanhol Francisco de Mora que, juntamente com Filippo Terzi, executou um plano – aqui publicado pela primeira vez – que revela algo bastante curioso: a sua semelhança com o convento cartusiano de Santa Maria de El Paular[31]. Podemos associar esta semelhança à nacionalidade de Francisco de Mora. Este arquitecto, ao ter recebido a encomenda de um convento cartusiano, terá visitado e estudado o mosteiro que lhe era mais próximo e familiar. Conforme se pode ver nas imagens 26 e 27, ambos os mosteiros apresentam a mesma estrutura de sucessão de celas em torno do claustro grande, com o prolongamento das galerias, evitando as celas de esquina. Há ainda que assinalar

[29] «Beatíssimo Padre: com particular estima venerei e prezei sempre todas as religiões, porém, minha inclinação e afecto foi, em especial, pela santíssima religião da Cartuxa, não só pelo conhecimento que tenho do seu contínuo exercício em todas as virtudes, senão também pela experiência de cuidado e solicitude com que sempre procurou e procura a observância da sua primitiva regra e modo de viver angélico. Com ocasião de ter passado muitas horas nos seus mosteiros, pude alcançar conhecimento dos insignes varões que possui, que são muitos, e de rara piedade e santidade. Havendo eu assistido por alguns anos na cidade famosa de Paris, contraí estreitíssima amizade e familiaridade com estes religiosos. Por isso, rogo a Deus seja eu tão ditoso que seja o primeiro que possa introduzir neste reino de Portugal esta sagrada religião, fabricando-lhe a espensas minhas, algum mosteiro, o que será de grande consolação para mim, e para este reino um grande beneficio.» António Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Tomo V, pp. 384-387.









26 Plano de Francisco de Mora

27 Planta do convento de Santa Maria de El Paular, baseada num plano dos anos 40, antes da restauração

28 Plano de Giovanni Vincenzo Casale

29 Planta do convento de Pavia

a reduzida dimensão do claustro que, apesar de ser duplo – de 24 celas – mede 46 por 46 m, e a semelhança das celas, que têm um pátio rectangular, e se desenvolvem apenas no rés-do-chão. O vestíbulo é uma antecâmara que permite a colocação da lanterna à meia-noite sem violar a privacidade da cela. Segue-se a sala da avé-maria – divisão de grandes dimensões e com uma lareira –, que serve de distribuição para o quarto de dormir e o estúdio. O quarto de dormir corresponde a um espaço que junta o descanso com a parte mais espiritual; tem o oratório junto com a alcova onde o monge dorme. Ao fundo do alpendre, encontra-se a instalação sanitária. Todos os espaços têm iluminação natural, mas para a luz chegar ao quarto de dormir e sala da avé-maria, as divisões tiveram de ser desenhadas com um pé-direito muito elevado.

Desconhece-se a razão, mas o projecto de Mora e Terzi não foi continuado.

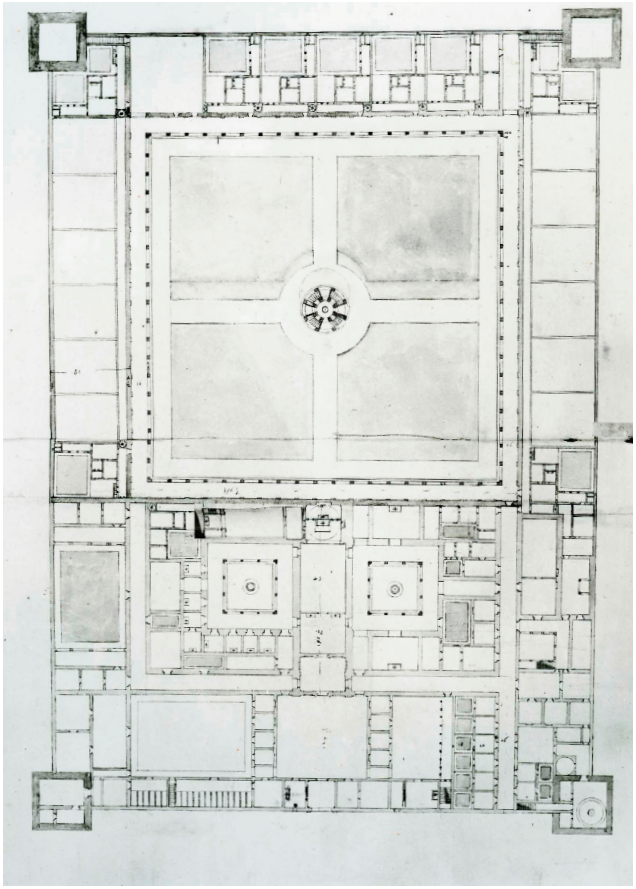
Foi então convidado Giovanni Vincenzo Casale, arquitecto e engenheiro militar italiano. Efectuou vários planos, sendo estes submetidos a diversas alterações, até se chegar ao projecto final. Como podemos ver nas imagens 30 e 31, o primeiro plano tinha já uma estrutura semelhante à final: o pátio da lavoura à entrada do convento, os dois claustros menores, de cada lado da igreja e, por fim, o monumental claustro grande de 98 por 98 m, a agregar as celas. Por sua vez, os desenhos que Casale produziu apresentam uma grande semelhança com os mosteiros cartusianos de Itália. Se compararmos a sua planta final com a planta do convento de Pavia – imagens 28 e 29 –, verifica-se que ambos apresentam um claustro de grandes dimensões que agrupa, em torno de si, todas as celas e principais dependências do mosteiro, atribuindo uma grande unidade ao conjunto edificado[32].

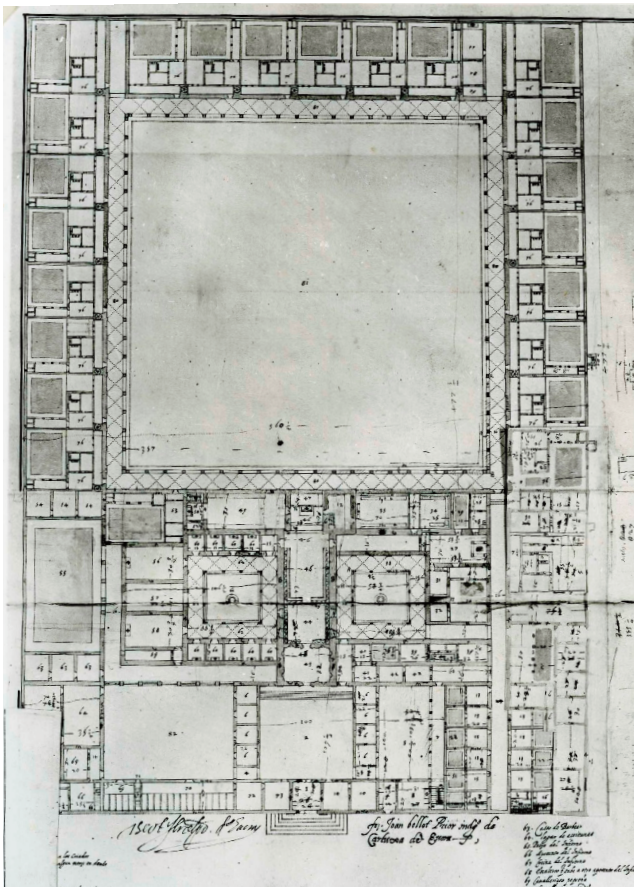
No primeiro plano de Casale, verifica-se que a cela do prior tem a direcção e sentido actuais; no entanto, todas as celas das galerias sudeste e noroeste se encontram actualmente invertidas relativamente ao projecto inicial. Mas há outras diferenças: as celas de esquina perdem o torreão – que servia para consolidar a estrutura –, a prisão ganha duas divisões – uma antecâmara e uma instalação sanitária junto à muralha. Com

[30] Reunião que junta o prior da Grande Chartreuse, os priores das outras Casas, os vigários dos mosteiros de monjas e alguns religiosos professos da Grande Chartreuse por privilégio, que têm a autoridade apostólica para ordenar, estabelecer e definir o que julguem mais conveniente para o serviço de Deus, melhor governo da Ordem e a mais perfeita observância da regra. Um Cartuxo, *op.cit.*, p. 32.

[31] Convento da Ordem Cartuxa. As suas obras iniciaram-se em 1390. Em 1835 deu-se a exclausuração das ordens religiosas em Espanha. Em 1954 o convento foi entregue a monges beneditinos.

[32] Convento da Ordem Cartuxa construído em 1396. Em 1810 deu-se a supressão das ordens religiosas e ficou ao abandono até Dezembro de 1843, ano em que os monges pude-





30 Primeiro plano de Giovanni Vincenzo Casale

31 Último plano de Giovanni Vincenzo Casale

a inversão das celas, todos os alpendres ficaram à sombra, voltados para norte, exceptuando o alpendre da cela do prior, voltado a sul.

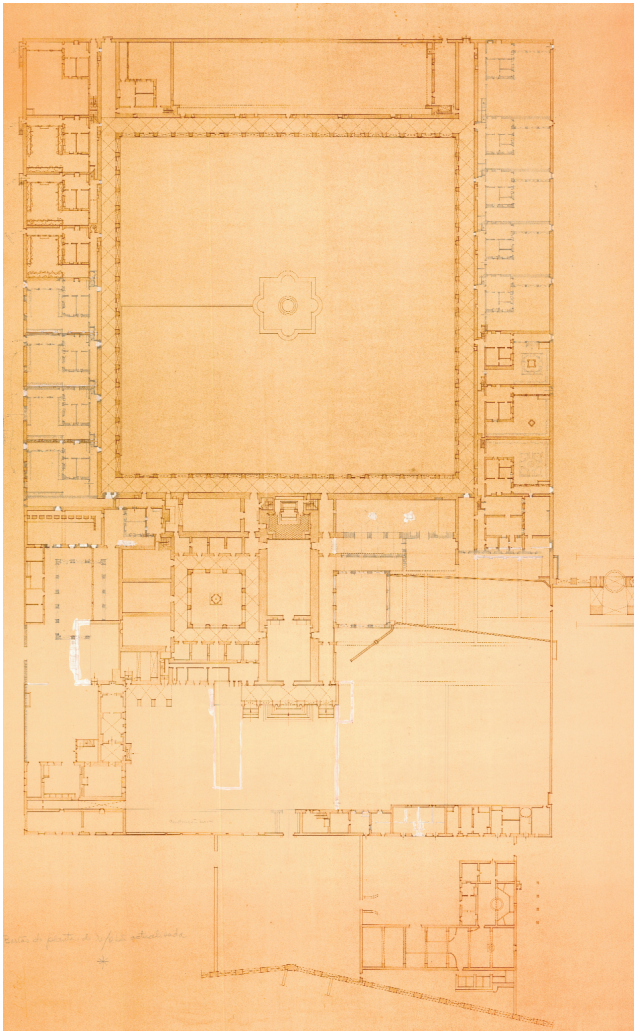
Podemos deduzir que este foi o último plano a ser realizado, pois encontra-se assinado pelo prior Joan Bellot – o que indica que o plano foi aceite, condição necessária para que o projecto avançasse para a construção do Convento.

No entanto, Giovanni Vincenzo Casale faleceu em 1593, nove anos antes de se terminar o convento Santa Maria Scala Coeli. Se compararmos o plano final, assinado pelo prior, com o plano actual, efectuado pela Direcção Regional dos Edifícios e Monumentos do Sul, em 1996 – imagem 32 –, verificamos várias diferenças. Túlio Espanca menciona a possibilidade de ter havido a colaboração do arquitecto espanhol Francisco de Mora, que havia proposto um projecto para o convento antes de Casale, e que executou por encomenda de D. Teotónio de Bragança a planta do convento Carmelita de Nossa Senhora dos Remédios[33]. O historiador Vítor Serrão aponta vários nomes que podem ter sido os substitutos de Giovanni Vincenzo Casale – Nicolau de Frias, Jerónimo Torres e Pedro Vaz Pereira – e responsáveis por essas alterações. Contudo, quem quer que tenha substituído Casale após a sua morte, realizou uma alteração muito significativa nas celas. A estas suposições de Victor Serrão acrescenta-se a hipótese de terem sido os monges a supervisionar as obras, uma vez que chegaram a Évora em 1587. Ao compararmos o plano final de Casale com o plano de levantamento da Direcção Regional de Edifícios e Monumentos do Sul – imagem 32 –, percebemo-nos que as celas estão invertidas, ficando com os alpendres voltados para sul e o espaço coberto mais exposto à luz solar. Podemos deduzir que esta alteração se deveu à compreensão da importância de um bom rendimento da iluminação natural, com vista a uma maior economia e autonomia do convento. Efectivamente, estas alterações manifestam um sentido muito prático, apenas possível através da experiência de habitar num convento cartusiano.

Após 1604 – data do final da construção de Santa Maria Scala Coeli – o convento viveu santamente

ram regressar à sua Casa.

[33] Susana Pastor Ferrão Mendes, *op. cit.*, p. 4.



32 Planta da Direcção Regional de Edificios e Monumentos do Sul

até que em 1663, o exército de D. João de Áustria ocupou o convento e o transformou num hospital de sangue, durante o assédio que efectuou à cidade de Évora[34].

A 30 de Maio de 1834, deu-se a extinção das ordens religiosas masculinas em Portugal[35]. O Estado cedeu o convento ao Hospício de Donzelas Pobres de Évora. Após alguns anos, o Hospício vendeu-o ao Estado que, segundo o Decreto de 16 de Dezembro de 1852, lá criou uma escola agrícola. Esta fechou em Abril de 1869, e durante dois anos o convento continuou a degradar-se, até que a 13 de Fevereiro de 1871, segundo a pública-forma de 13 de Fevereiro de 1871, a Quinta da Cartuxa foi vendida a José Maria Eugénio de Almeida, por 23 100$000[36], que utilizou os cerca de 78 hectares da cerca do convento para produção agrícola, assim como o fez o seu herdeiro Carlos Maria Eugénio de Almeida, Conde de Vil'Alva.

Carlos Maria utilizou o convento para residência própria, ficando alojado numa habitação que se encontrava junto à igreja, do lado direito da sua monumental fachada. Os seus trabalhadores residiam nas celas do claustro grande, sabendo-se que um feitor de nome Magalhães habitou durante muitos anos na cela do padre vigário[37]. As celas foram um pouco alteradas devido a esta ocupação; sabe-se que foram abertas portas na muralha do convento, ligando o pátio das celas ao exterior. Mas o facto de terem sido habitadas prolongou em muitos anos a vida das celas, pois assim eram mantidas e recuperadas pelos próprios utilizadores. Durante a gestão de Carlos Maria foi criada, em 1874, uma fábrica de rolhas de cortiça no convento. Mas foi uma produção de pouca duração pois fechou passados poucos anos[38].

No Arquivo do Instituto de Cultura Vasco Vil'Alva encontram-se dois planos – que nunca foram publicados – que revelam a encomenda, por parte do Conde, de levantamentos do convento e respectiva cerca conventual, ao engenheiro Raymundo Valladas. Existe ainda um outro documento desenhado de um esquiço – conforme se pode ver na imagem 34 –, da altura em que o convento era de Carlos Maria. Este desenho não está catalogado, e por isso, habitualmente disponível aos investigadores, mas é muito importante, pois de-

[34] Um Cartuxo, *op. cit.*, p. 9.

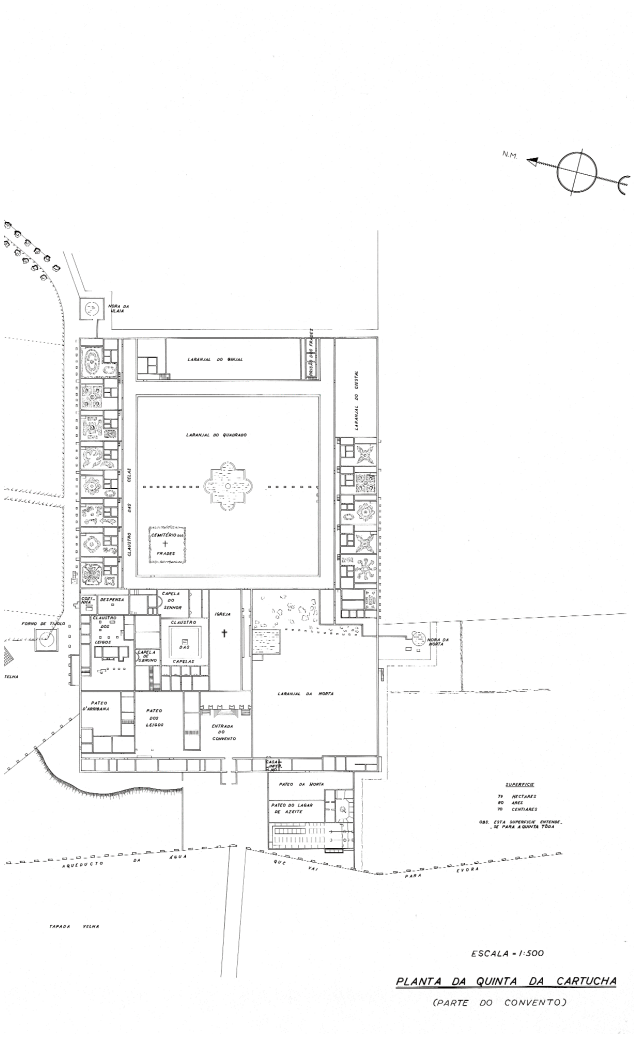
[35] Túlio Espanca, *op. cit*., p. 308.

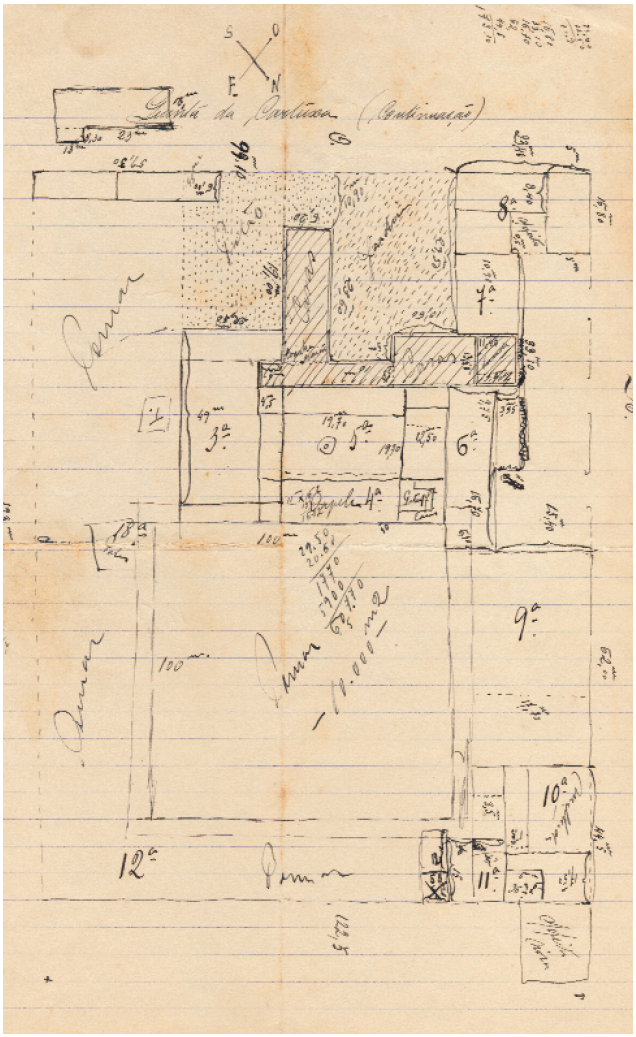
[36] A cópia da pública forma de 13 de Fevereiro de 1871, encontra-se no Arquivo do Instituto de Cultura Vasco Vill'Alva.

[37] Esta informação foi prestada verbalmente pelo Sr. José Maximino, que trabalhou na reconstrução do convento.

[38] D. Bruno da Silva, *Breve Memória Histórica sobre a Fundação e Existência até ao presente da Cartuxa de Évora*, Minerva Eborense, Évora, 1888, p. 26.

[39] Sara Pereira, *op. cit.,* p. 125.





33 Planta assinada pelo Eng. Raymundo Valladas

34 Esquiço da época de Carlos Maria Eugénio de Almeida

monstra, antes de qualquer ideia de reconstrução, o que existia ou restava das ruínas do convento. Nele consegue-se perceber que restavam poucas celas erguidas. Nota-se a presença da cela do prior, que se sabe ser a única em condições razoáveis, e no canto norte vê-se uma cela, a de esquina, o prolongamento da galeria até à muralha e uma nora fora de clausura. No desenho estão ainda presentes cálculos, números e o nome das plantações distribuidas pelo convento.

Em 1940, Vasco Maria Eugénio de Almeida herdou o convento por morte da sua avó D.ª Maria do Patrocínio Biester de Barros Lima[39]. A Quinta da Cartuxa era ainda a sede da Casa Agrícola Eugénio de Almeida. Vasco Maria decidiu iniciar as obras de restauro no convento da cartuxa e adequar parte das ruínas para sua habitação. Inicialmente, a ideia de reconstruir o convento teve como objectivo renovar a Casa Agrícola Eugénio de Almeida. «Contudo, o estudo e a indagação sobre as ruínas, convivendo com elas, ter-lhe-á despertado um natural interesse histórico e espiritual pelo que elas haviam representado. Ali estava ele, proprietário de um mosteiro eremítico dos mais singulares em Portugal. Em ruínas é certo, mas que possibilidades não se abririam com o seu restauro? Estudioso por temperamento, terá começado a fazer por conta própria a investigação que por muitas razões o satisfazia. Leu, viajou, cada vez mais envolto no espírito transmitido por aquele lugar.» [40]

Vasco Maria entrou em contacto com a Grande Chartreuse, iniciando uma boa relação com a ordem. Em 1942 começaram as obras de reconstrução.

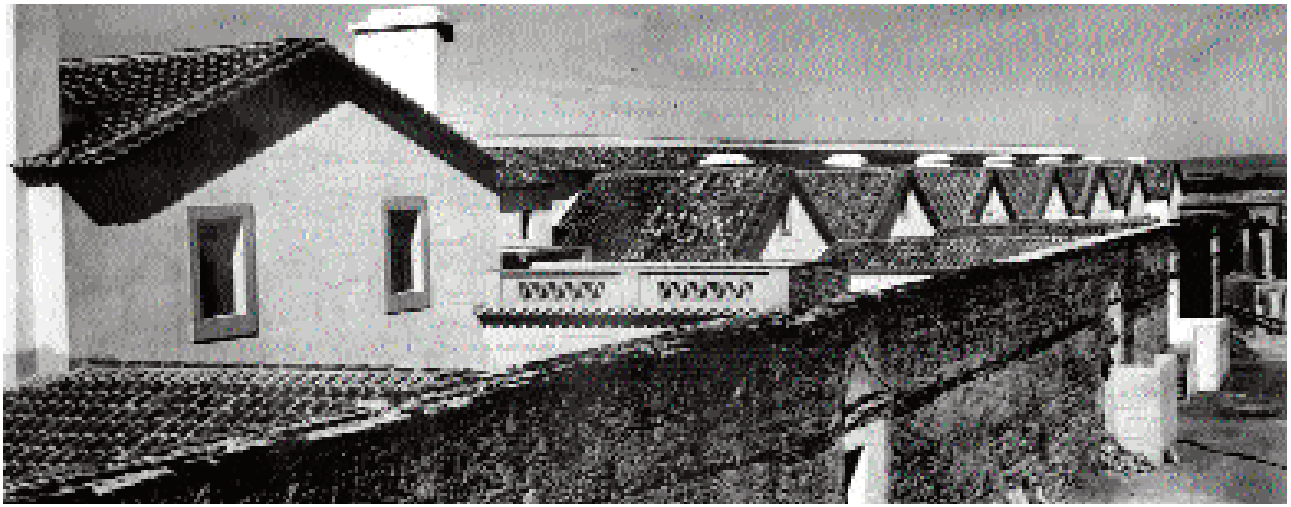
O Conde escreveu algumas notas pessoais de grande interesse pois permitem compreender o entusiasmo e o modo intuitivo com que se fez a reconstrução:

«7 de Janeiro de 1950

Iniciaram-se as obras nas celas do lado sul. […] Em suma descrição direi o estado de conservação de cada uma. A cela n.º 1 [cela do prior], a melhor conservada de todo o Convento, visto que à excepção duma

[39] Sara Pereira, *op. cit.,* p. 125.

[40] Sara Pereira, *op. cit.,* p. 129.



35 Fotografia das celas da galeria sudeste antes da reconstrução do convento

36 Fotografia das celas da galeria sudeste após a reconstrução do convento

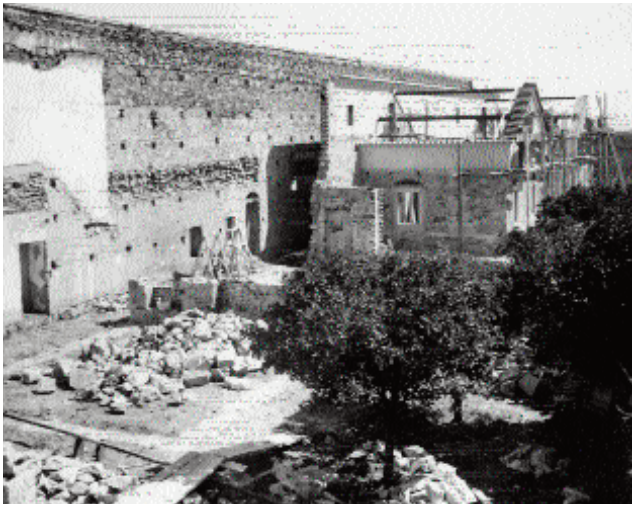
porta, conservava todas as cantarias e abóbada em pé, não tem telhado, que já há muito abateu. A chuva infiltrando-se e com a acção do tempo deu-lhe um aspecto de ruína e de abandono lamentável. A arcaria do seu jardim privativo, bastante arruinada visto ter-se partido um dos arcos, sem contudo ter abatido, não passei as soleiras […], deve referir-se ainda ser esta a única cela de todo o Convento que conserva intacta a chaminé, na beleza da sua simplicidade, na severidade das suas cantarias. Pormenor curioso e útil pois foi por essa circunstância possível restaurar todas as outras por cópia.

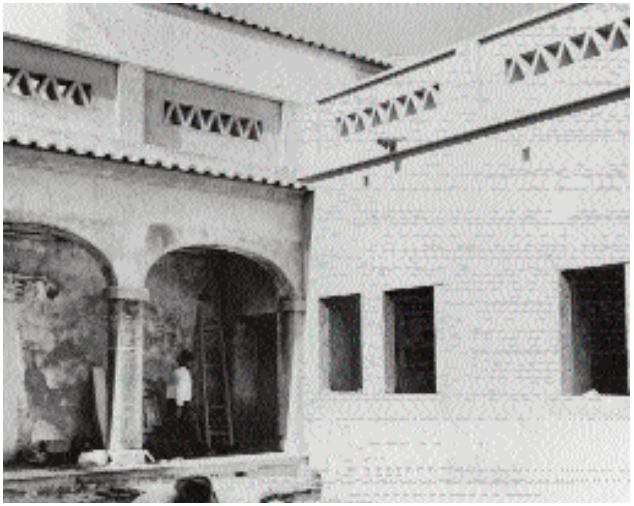
Cela n. 2 – Esta cela só tem restos das paredes exteriores; salvo as cantarias da porta para o claustro grande e a rótula, todas as cantarias de portas e janelas foram arrancadas. Conservava a arcaria do jardim sem telhado e muito arruinada a sua abobadilha. Vê-se nas paredes os sinais das vigas e barrotes que sustentavam o chão do primeiro andar, sendo esta a única cela que não era em abóbadas, salvo os corredores inferior e superior, encostados ao claustro grande.

Celas 4 e 5 – Encontram-se completamente arrasadas pelos alicerces à altura do nível geral do claustro grande. Vê-se que estiveram construídas pelo reboco existente no lado exterior da parede do claustro grande com os sinais nítidos do começo das abóbadas dos corredores inferior e superior. Nada mais existe.» [41]

As obras realizaram-se de forma relativamente amadora, tanto por parte do Conde – que, contudo, pesquisava e lia tudo o que podia e encontrava sobre o convento – como dos construtores que contratou. O Conde não tinha os planos de Giovanni Vincenzo Casale, nem sabia da sua existência aquando das obras, por isso estas basearam-se na difícil leitura das pistas deixadas pelas ruínas. Daí que tenham havido alterações entre o projecto final de Giovanni Vincenzo Casale, e o actual convento. As principais diferenças manifestam-se essencialmente no cenóbio, porém também há algumas no eremitério. Consistem essencialmente na substituição de materiais e na reconstrução quase integral das celas. Apenas a cela do padre vigário, antiga cela do

[41] Informação fornecida pelo procurador do convento de Santa Maria Scala Coeli, P.e Antão.





37 Ruínas das celas da galeria sudeste

38 Reconstrução das celas da galeria sudeste

39 Antiga cela do prior antes da reconstrução

40 Antiga cela do prior após a reconstrução

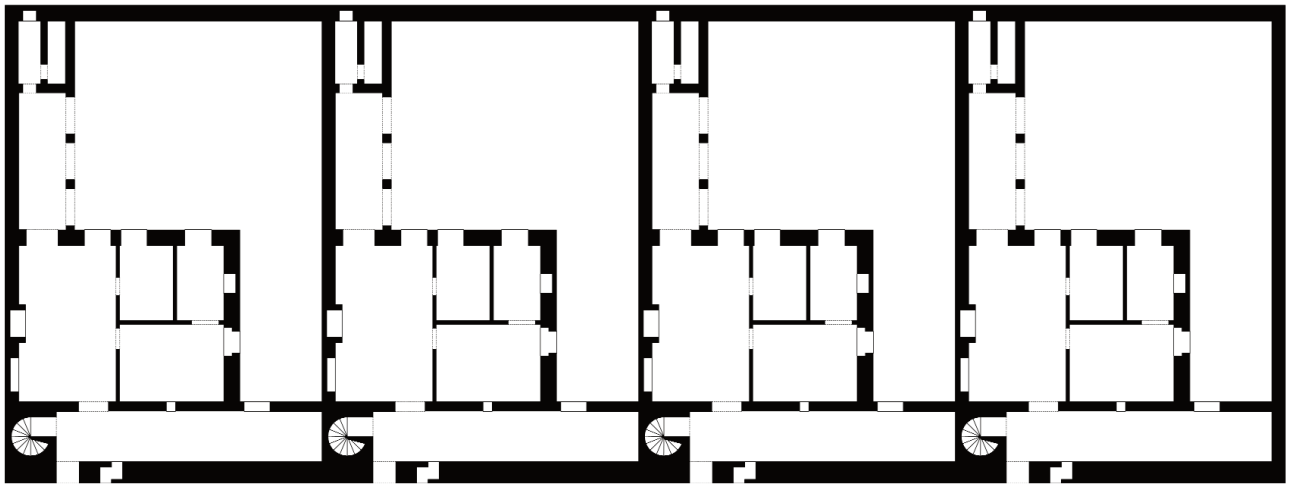
prior – designada pelo Conde por cela n.º 1 – mantinha o seu primeiro andar. Curiosamente, esta mesma cela, que serviu de referência para as restantes, foi a única a ser conscientemente alterada, pois para tal tarefa houve a destruição do primeiro-andar.

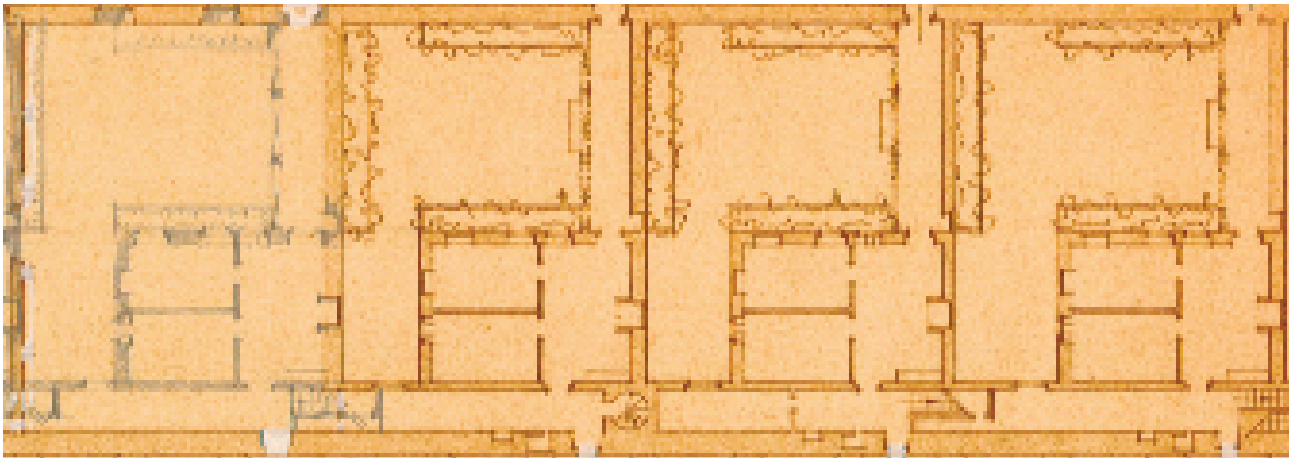
Como se pode ver na imagem 39, a cela era encerrada no primeiro-andar para permitir a presença de eventuais reuniões. Foi durante o processo de reconstrução do convento que a cela do prior passou a ser outra, onde podemos deduzir que se localizasse inicialmente a biblioteca com o respectivo arquivo. Assim esta cela passou a ser do padre vigário. Talvez as alterações tenham sido feitas devido a esta mudança de função e consequente a falta de necessidade dessa divisão no piso superior. O terraço da cela fica por cima do nível da muralha exterior, voltado a sul, para a cidade e para o seu magnífico perfil. É um local muito agradável para uma leitura tardia no Verão, assistindo ao nascer da lua.

Se analisarmos cuidadosamente a planta actualizada do convento de Santa Maria Scala Coeli notam-se ainda outras diferenças relativamente ao projecto de Casale – imagens 41 e 42. Há uma cela, por exemplo, que tem a escada de acesso ao piso superior em caracol. É actualmente a única. As restantes têm uma escada de dois lanços com quebra a meio, e que entram dentro do que seria o espaço das celas contíguas. O plano de Casale revela que todas escadas foram inicialmente em caracol. Isto indica que assim foram originalmente construídas, e que o Conde, ao reconstruir as escadas das celas à imagem da antiga cela prioral, as poderá ter feito com dois lanços, talvez por a sua construção ser mais fácil. O Mestre José Maximino, o único empregado que trabalhou nas obras de reconstrução do convento ainda hoje com vida, confirmou-o.

Por outro lado, nas celas originais havia uma janela no piso superior do vestíbulo, que abria para o terraço do claustro grande. Na reconstrução obstruíram-se todas estas janelas excepto uma, que mantém o gradeamento metálico.

Também se registaram algumas alterações no próprio claustro grande, como o comprova a seguinte





41 Planta das celas da galeria noroeste consoante o último plano de Giovanni Vincenzo Casale, baseada no último plano de Giovanni Vincenzo Casale

42 Planta das celas da galeria noroeste realizada pela Direcção Regional de Edificos e Monumentos do Sul

carta do Conde:

«A […] descrição do cemitério dos frades levou-me imediatamente a procurar a sua localização […], apareceu um muro, que […] parcialmente encontrado nos seus alicerces, nos deu plenamente os seus limites.

As laranjeiras plantadas dentro dos alicerces, limites do cemitério foram imediatamente arrancadas, aquelas que pelo seu grande porte só para o ano se poderão transplantar.

É de lamentar que nem o cemitério escapasse à fúria destruidora do tempo. […] Dele nada restava em memória inteiramente feita a uma das mais formidáveis virtudes humanas, a humildade. A assinalar o cemitério, há no seu centro um cruzeiro em pedra mármore. Pois nem esse escapou. O laranjal estendeu-se por todo o claustro.» [42]

Para além desta alteração do cemitério, havia ainda um aqueduto que emergia na galeria noroeste e se dirigia para o tanque central. Tinha um remate branco no final do aqueduto, que derramava docemente a água para o interior do tanque. Este aqueduto foi destruído e a introdução da água passou a efectuar-se subterraneamente, não havendo nenhuma interrupção ou elemento que demonstre de onde chega a água. Mas também os monges não deixaram de provocar algumas alterações ao edifício: os muros com cerca de 1 m de altura que se encontram entre as colunas foram introduzidos, posteriormente à reconstrução, a pedido dos monges, que não queriam que as folhas das laranjeiras sujassem o pavimento das galerias.

É difícil distinguir a olho nú o que é original, das alterações realizadas pela reconstrução do Conde, mas «tal como a água que corre oculta nos veios da terra, e que no entanto, faz brotar a nascente que alimenta a corrente dos rios» [43], se fez o restauro da nova Casa Cartusiana. Ainda que com grandes dificuldades de fidelidade relativamente ao edifício original, foi graças à sensibilidade de um homem que hoje existe em Portugal uma das ordens religiosas mais notáveis.

[42] Informação fornecida pelo procurador do convento de Santa Maria Scala Coeli, P.e Antão.

[43] Un Cartujo de Aula Dei, *op. cit.*, p.35.

43 Casa da eternidade

NOTAS FINAIS: IDENTIDADE CARTUSIANA E ESPECIFICIDADES DE SANTA MARIA SCALA COELI

44

Entre os conventos da Ordem Cartusiana, verificam-se várias recorrências que são comuns a todos eles. Desta forma, pode-se enunciar a ideia de convento-tipo cartusiano, tendo em conta que o tipo em arquitectura é definido por uma semelhança ao nível da estrutura formal, que se apresenta num conjunto de vários edifícios.

Veja-se o exemplo da disposição segundo um claustro, «que caracterizou tantos edifícios ao longo da história, quer sejam conventos, hospitais, universidades, residências colectivas, etc. O claustro grande constitui uma ideia de arquitectura baseada na construção de uma galeria porticada que engloba e define um espaço livre recintado, de forma regular, a modo de jardim interior. A galeria vincula entre si uma série de corpos ou dependências diversas, dotando-as de uma unidade superior, de maneira que o organismo no seu conjunto tem a introversão e todas as suas partes recriam a integridade desse núcleo íntimo em que o edifício se contempla e mede o pulso da sua vida quotidiana.» [44] O uso do elemento clautral assume na arquitectura cartusiana uma certa particularidade. A sua especificidade compreende-se se compararmos o convento de Santa Maria de Scala Coeli com o mosteiro de Monte Cassino, por exemplo – imagens 45 e 46[45]. No complexo religioso Beneditino os claustros são o coração da vida monástica, funcionando como expansão das divisões que rodeiam os claustros para um jardim, que permite a estadia e o deleite do utilizador. Pelo contrário, o claustro grande do convento de Santa Maria Scala Coeli agrega as celas dos padres eremitas, que nunca permanecem no claustro. Os padres apenas utilizam as suas galerias para o percurso que realizam três vezes ao dia entre as celas e a igreja. Para além disso, é um lugar constantemente mergulhado no mais extremo isolamento, em permanente silêncio. Os nossos ouvidos, habituados ao ruído da cidade, não estão preparados para tal ausência. Só com alguma atenção, conseguimos notar nas lindas melodias a decorrer. Estas exigem um esforço de reconhecimento muito grande, pois não são comuns fora da clausura. Correspondem ao som da água a cair das três taças do tanque central, às folhas das laranjeiras a dançar com a brisa, ao cantar das pe-

[44] Carlos Martí Arís, *op. cit.*, p. 16.

[45] O mosteiro de Monte Cassino foi construído por volta de 529, sob instruções de São Bento de Núrsia, sendo o primeiro mosteiro da Ordem dos Beneditinos.

45 Vista aérea do convento de Monte Casino

46 Vista aérea do convento de Santa Maria de Scala Coeli

quenas aves e aos gatos a espreguiçarem-se nas folhas secas no chão.

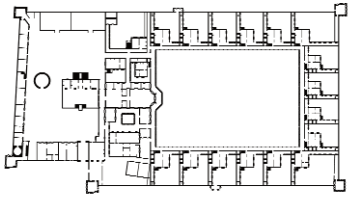
Se compararmos Santa Maria Scala Coeli com o convento de Port-Saint-Marie – definido por Viollet Le-Duc, em 1875, como o convento-tipo cartusiano[46] – conseguimos identificar uma série de invariáveis entre os dois, que se mantêm em todos os conventos da ordem. Conforme se pode ver nas imagens 47 e 50, em ambos os mosteiros o claustro grande fica a este da igreja. Isto deve-se ao compromisso de a igreja ter a fachada orientada a oeste, seguida do pátio da lavoura. Deste modo, o claustro grande – com as celas a definir três dos seus lados – fica após a igreja, pois o eremitério é o local mais isolado e solitário do mosteiro. Ambos os conventos têm em torno do claustro grande os principais espaços do convento: a igreja, as celas, a sacristia, a biblioteca e o refeitório. As galerias determinam um percurso coberto periférico que liga todos estes espaços, o que atribui uma enorme unidade ao conjunto arquitectónico.

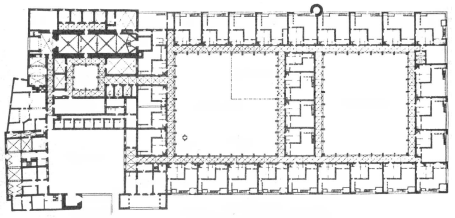
Dentro do sub-tipo que reúne todos os claustros grandes cartusianos, todos têm as suas especificidades que correspondem às variações de identidade, que atribuem autonomia e individualidade ao convento. Como Carlos Martí Arís refere, na Ordem Cartusiana, apesar da rigidez da regra, é intensa a individualidade entre cada convento, pois factores relativos à adaptação do edifício ao lugar – geografia, topografia, limite do convento, relação com os campos de cultivo, condições hidrográficas, orientação do caminho de acesso – moldam o edifício. A cartuxa oferece um exemplo perfeito de conciliação entre a individualidade do edifício e a identidade do tipo. [47]

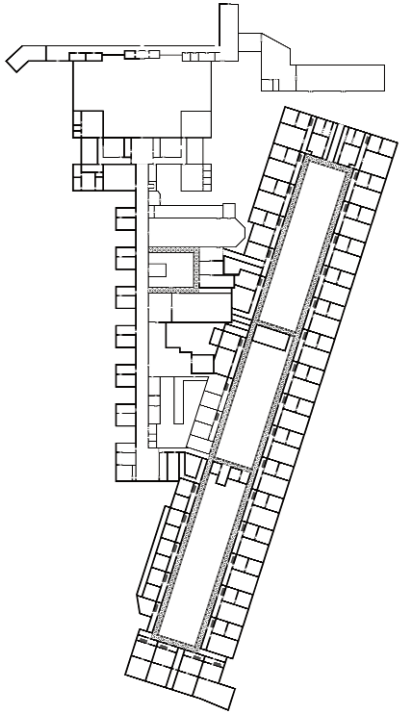
Procuremos as variações de identidade do claustro grande de Santa Maria Scala Coeli, tendo ainda como base a comparação com a Cartuxa de Port-Saint-Marie.

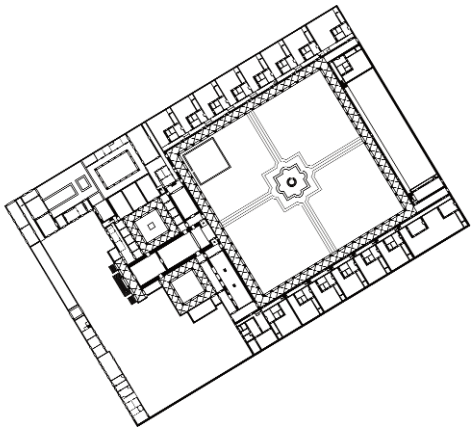
Se Compararmos ainda as imagens 47 e 50, nota-se que Santa Maria Scala Coeli tem o dobro do número de celas que Port-Saint-Marie. Isto porque nos primeiros séculos da ordem cartuxa o número máximo de monges era de treze a catorze religiosos de coro, seis Irmãos Conversos, o prior, o cozinheiro e o procu-

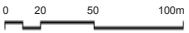
[46] Viollet Le-Duc, *Dictionnaire Raisonné de L'Architecture Française du XI au XVI siècle, tome premier*, Ve A. Morel & Cie Éditeurs, Paris, 1875, pp. 306-310.
[47] Carlos Martí Arís, *op.cit.*, pp. 92-93.











47 Planta do convento de Port-Saint-Marie, baseada no plano do projecto de restauração, no século XVII

48 Planta do convento de Montalegre

49 Planta do convento de Grande Chartreuse, baseada num plano de 1949

50 Planta do convento de Santa Maria Scala Coeli, baseada no plano da Direcção Regional de Edificios e Monumentos do Sul, de 1996

rador, e o mínimo de monges permitido era sete[48]. Assim, o claustro grande, no seu início, estava preparado para doze ou catorze celas de padres eremitas. Mas com a expansão gradual da ordem cartusiana, aliada ao crescente estatuto e condições económicas de que começou a usufruir, o Capitulo Geral de 1324 autorizou à Grande Chartreuse ter vinte celas, número que foi aumentado para vinte e quatro em 1332[49]. Assim se efectuou a duplicação do claustro grande para que tivesse o dobro do número de celas, como também se verifica no convento de Santa Maria de Montalegre. Porém, a partir do século XII, e principalmente no século XIV, surgiu a época de ouro da ordem cartusiana, e a duplicação do claustro grande tornou-se uma certeza. Desta forma, os conventos cartusianos começaram a construir-se com um único claustro grande que incluía já de raíz o dobro do número de celas. Esta transformação deu uma grande monumentalidade e imponência ao claustro, conforme se verifica em Santa Maria Scala Coeli[50].

As imagens 51 e 53 demonstram ainda que o mosteiro de Port-Saint-Marie está orientado de acordo com os eixos cardeais, enquanto Santa Maria Scala Coeli está orientada segundo um traçado hipodâmico. A igreja tinha o compromisso de ter uma orientação este-oeste, o que determinava que uma das galerias com celas, do claustro grande, ficaria voltada a norte, como sucede no convento de Port-Saint-Marie. Mas, a partir de uma determinada altura, os conventos começaram a construir-se segundo um traçado hipodâmico, quebrando o vínculo com a orientação este-oeste da igreja, para privilegiar as celas dos monges, que assim, em nenhuma das alas, ficariam voltadas a norte[51].

Ao contrário do que sucede em Port-Saint-Marie, no claustro grande de Scala Coeli as galerias sudeste e noroeste prolongam-se até à muralha exterior do convento, de modo a permitir mais facilmente uma ampliação futura do claustro grande[52]. Como o claustro grande de Scala Coeli é duplo – de vinte e quatro celas –, esta ampliação corresponderia a uma quadruplicação do número de celas de um claustro simples. Seria o primeiro convento cartusiano a ter um claustro quádruplo[53].

[48] Jean-Pierre Aniel, *op. cit.,* p. 11.

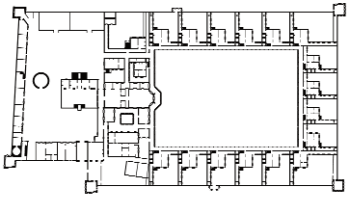
[49] Jean-Pierre Aniel, *op. cit.,* p. 49.

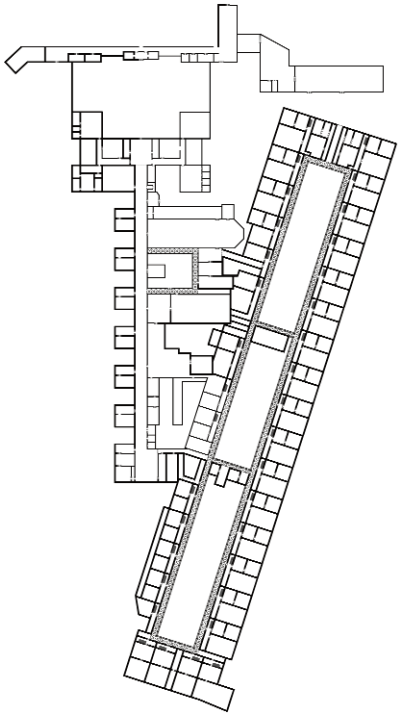
[50] Mais tarde, o mosteiro de Grande Chartreuse chegou mesmo a triplicar o claustro grande, de forma a ter trinta e seis celas.

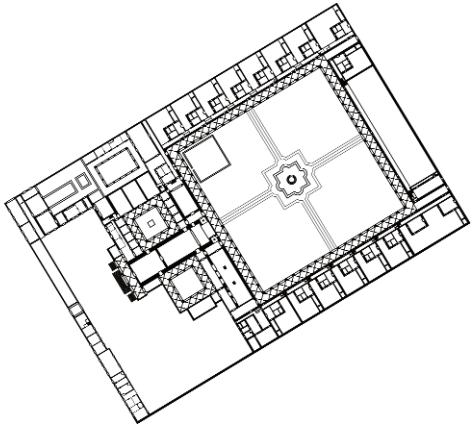
[51] Note-se ainda novamente o exemplo da Grande Chartreuse que, assumindo duas direcções distintas, conciliou a orientação da igreja com o habitar das celas.

[52] Isto verifica-se no convento de Santa Maria de Montalegre que duplicou o seu claustro para poder acolher mais religiosos. O mosteiro de Grande Chartreuse triplicou-o.

[53] O convento de Pavia também tem claustro grande duplo e com possibilidade de duplicação.







51 Planta do convento de Port-Saint-Marie, baseada no plano do projecto de restauração, no século XVII

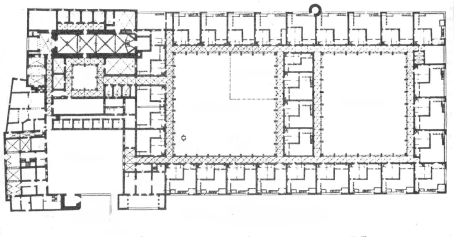
52 Planta do convento de Santa Maria Scala Coeli, baseada no plano da Direcção Regional de Edificios e Monumentos do Sul, de 1996

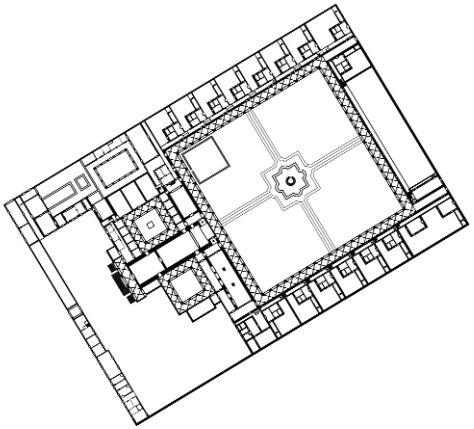
53 Planta do convento de Grande Chartreuse, baseada num plano de 1949

A existência de um percurso superior no terraço das galerias do claustro grande é também algo muito específico de um clima quente, como o de Évora, e que não sucede em Port-Saint-Marie. Outra característica particular do claustro grande de Santa Maria Scala Coeli, corresponde à vegetação, que, como já vimos anteriormente, corresponde a laranjeiras, com corredores de bucho a ligar o centro das galerias ao tanque central, ciprestes e murta em redor do cemitério. A vegetação é austera mas preenche na totalidade os 98 por 98 m do claustro grande. Em oposição à presença de vegetação no claustro grande de Santa Maria Scala Coeli, há o exemplo do claustro grande do convento de Pavia. Como as fotografias 56 e 57 demonstram, em Pavia o claustro é totalmente relvado, sem vegetação de grande porte, reforçando a ideia de que é um elemento de distribuição e ordenação das celas. Nunca é um lugar de permanência. Não tem jardim, sombras, som ou cheiro que dê sentido ou propósito a um recinto encerrado de tais dimensões. No convento de Santa Maria de Miraflores, por sua vez, os dois claustros grandes também não têm qualquer vegetação.

Se compararmos novamente os planos do convento de Santa Maria de Scala Coeli com os do convento de Port-Saint-Marie, mas desta fazendo incidir a nossa atenção nas celas, percebe-se que a cela-tipo de Santa Maria Scala Coeli é muito semelhante à de Port-Saint-Marie, principalmente nas proporções e relações que as divisões estabelecem entre si. A principal diferença entre ambas é a inversão no sentido longitudinal, como se cada uma fosse a imagem num espelho da outra.

Ao analisar as suas plantas na imagem 58, verifica-se que ambas se desenvolvem segundo um pátio em forma de L. Como a imagem demonstra, os mosteiros de Santa Maria de Miraflores e a Grande Chartreuse, têm o pátio das celas em forma rectangular. A principal vantagem da estrutura do pátio em L é que todas as divisões tiram partido da iluminação natural, têm uma melhor insolação e ventilação, para além da criação de um canto de grande intimidade que enriquece o espaço do pátio. Ambas as celas têm as seguintes divisões: vestíbulo, oficina, quarto de dormir, oratório, alpendre, instalação sanitária e o pátio. No entanto, como a ima-





0 20 50 100m

54 Planta do convento de Montalegre

55 Planta do convento de Santa Maria Scala Coeli, baseada no plano da Direcção Regional de Edificios e Monumentos do Sul, de 1996

56 Claustro grande do convento de Pavia

57 Claustro grande do convento de Santa Maria Scala Coeli

gem demonstra, há algumas diferenças em relação aos planos das celas de outros conventos cartusianos. O vestíbulo é uma divisão muito importante por resolver uma série de condicionantes funcionais, tais como: a entrada do monge para a cela, a presença da ministra para a entrada da comida e bebida do monge, o acesso vertical para o piso superior, o postigo que recebe a vela e permite ao monge deslocar-se até à igreja à meia-noite, criando ainda uma antecâmara que isola o interior da cela do já isolado claustro grande. Ao cumprir estas funções, dá autonomia às restantes divisões da cela. No entanto, no convento de Santa Maria de Montalegre, o vestibulo é uma divisão igual à oficina ou ao quarto de dormir, quadrangular, e que distribui para as várias divisões. Em Bolonha, desenvolve-se paralelamente à parede que divide as celas e prolonga-se a todo o comprimento da cela. No oratório também se verificam algumas diferenças em relação a outros mosteiros. É o espaço mais importante para a espiritualidade cartusiana, onde o monge faz as suas preces e estabelece contacto com Deus. Em Santa Maria Scala Coeli e em Port-Saint-Marie, encontra-se junto ao quarto de dormir, embora por vezes se encontrem separados por uma ténue parede de madeira, tal como em Pavia, e em Bolonha. Há ainda as celas que diferem das celas-tipo do convento, como as de esquina e a cela do prior. É interessante notar como um problema comum a todos os mosteiros cartuxos foi resolvido de formas tão díspares. Em comparação, novamente, com o convento de Port-Saint-Marie, é de notar que as celas de esquina ganharam uma escala muito distante das outras para terem o acesso directo pelo claustro grande. Já em Santa Maria de El Paular, as galerias do claustro grande foram prolongadas evitando a intersecção das mesmas, bem como a adaptação das celas de esquina a lotes diferentes aos das celas-tipo. No convento de Port-Saint-Marie a cela do prior foi construída em frente da igreja. Isto demonstra a importância da cela prioral, bem como uma certa despreocupação pela fachada da igreja pois só é utilizada pelos monges do convento que acedem por portas laterais para os respectivos coros.

Uma comparação entre as celas de Santa Maria scala Coeli e de Port-Saint-Marie que tenha como ob-

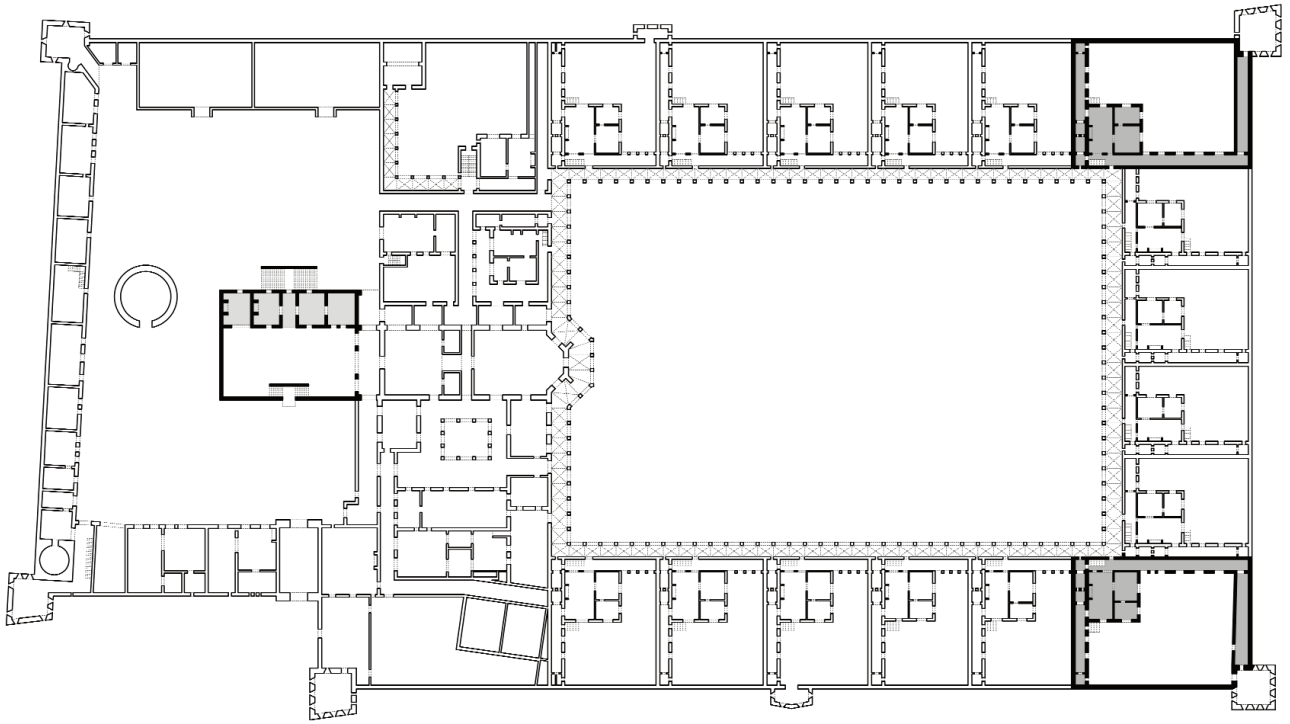
58 Planta de calas-tipo dos seguintes conventos: Grande Chartreuse, 1084; Port-Saint-Marie, 1115; Santa Maria de Montalegre, 1286; Bolonha, 1334; Galluzzo, 1341; Pavia, 1396; Santa Maria de Miraflores, 1441; Santa Maria Scala Coeli, 1587

(As plantas das celas-tipo estão ordenadas por ordem cronológica do ano de construção do convento)

jectivo a identificação das principais diferenças, tem de ser sensível às particularidades geográficas, construtivas e climáticas de ambos os mosteiros. O convento de Santa Maria Scala Coeli localiza-se numa zona que se caracteriza por elevadas temperaturas no período estival, portanto adoptou o sistema construtivo local – de taipa e alvenaria de pedra – com paredes de grande espessura para garantir uma grande inércia térmica provocando assim um bom isolamento térmico. Desenvolve-se no rés-do-chão que se sub-divide em várias das divisões mais interiores, e tem um piso superior cuja utilidade é a de servir como ante-câmara para optimizar o isolamento térmico. Pelo contrário, o convento de Port-Saint-Marie localizou-se numa região de muito gelo e elevada precipitação durante o Inverno. Com vista à resolução dessas dificuldades, desenvolveu-se maioritariamente no primeiro-andar, potenciando a exposição solar e evitando o gelo e água da chuva que se acumulam no pátio da cela. O sistema construtivo adoptado foi a construção em madeira por garantir um aquecimento mais eficiente na superfície interior da cela. Nos períodos de maior frio, a vida quotidiana do monge centra-se no espaço da oficina onde se encontra a salamandra. A exposição solar é um elemento que influencia muito o desenho das celas. É frequente a inversão das celas para garantir que tenham a melhor exposição solar possível. Como se pode ver na imagem do convento de Sélignac[54], este altera a estrutura das celas dependendo da orientação das galerias do claustro grande. Na galeria norte as celas encostam-se à muralha exterior do convento, para que o pátio fique voltado a sul, e na galeria sul, encostam-se à parede do claustro grande pelo mesmo motivo.

A topografia é também um factor determinante. No convento de Santa Maria Scala Coeli, há uma diferença de cota entre o interior das celas – que têm o compromisso de cota com o claustro grande – e o pátio das celas – que têm a cota do terreno exterior à muralha do convento –, e como a topografia desce para norte, a cela de esquina desse canto, tem uma diferença de cota tão grande que possibilitou a existência de uma cave – imagens 60 e 61. Isto deve-se à ténue ondulação que caracteriza a paisagem alentejana que se torna mais

[54] Convento da Ordem Cartuxa fundado em 1202 no vale de Sélignac.



59 Planta de localização da cela do prior e celas de esquina no convento de Port-Saint-Marie, baseada no plano do projecto de restauração do século XVII

bela pela presença de tão cândido mosteiro.

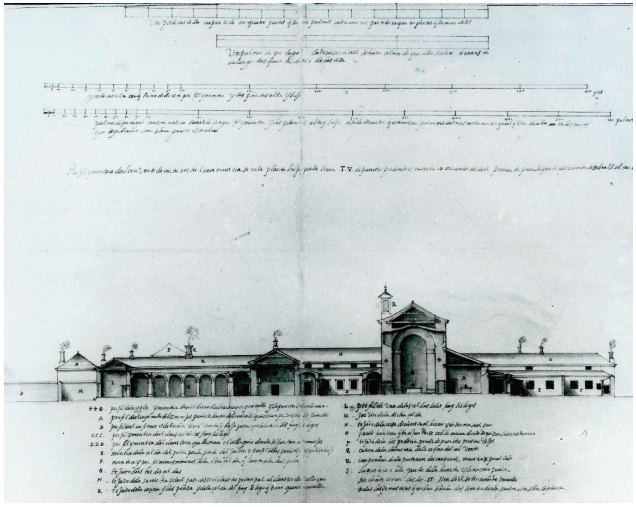
Os Estatutos da Ordem referem que a Casa cartusiana tem de ser simples e sóbria; logo não terá sido difícil a adaptação do modelo de São Bruno ao Alentejo pois o seu território parecia já ser cartusiano antes dos monges chegarem. Assim, junto à cerca da cidade de Évora, se encontra o convento de Santa Maria Scala Coeli, que através do exemplo dado por São Bruno de Colónia no vale de Chartreuse, eleva a espiritualidade do Alentejo.

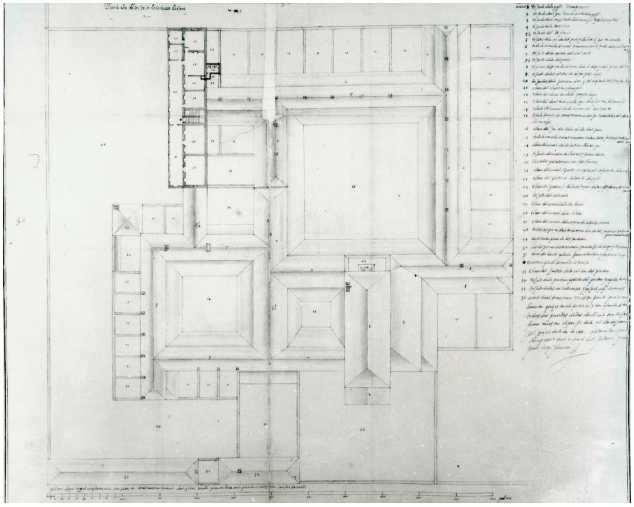
60 Cela localizada a meio da galeria sudeste

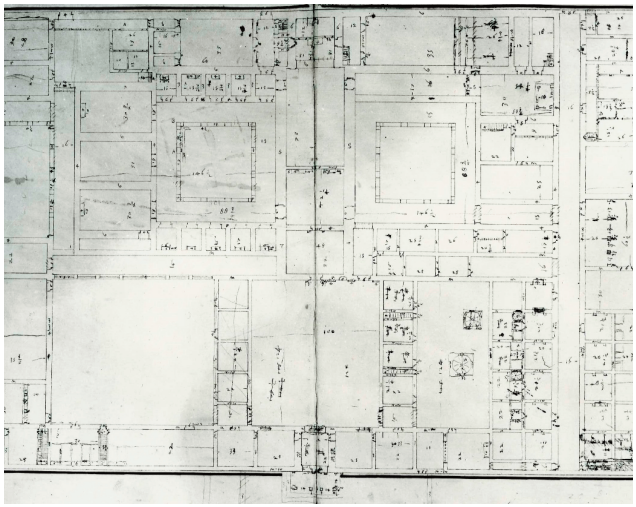
61 Cela de esquina, localizada no canto norte

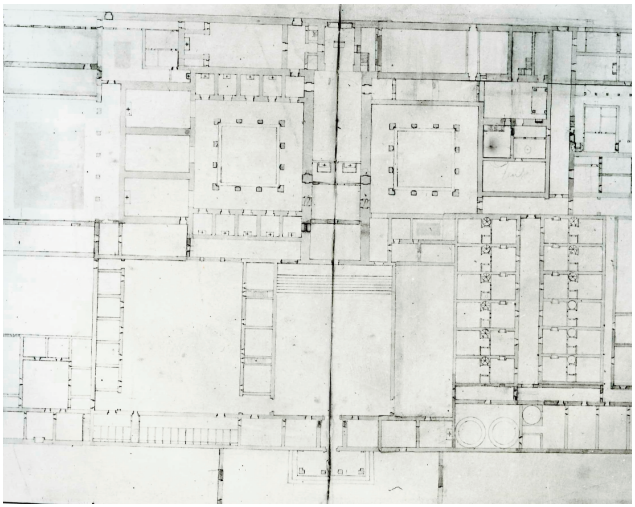
62 Fotografia do topo da igreja do convento de Santa Maria Scala Coeli

ANEXOS

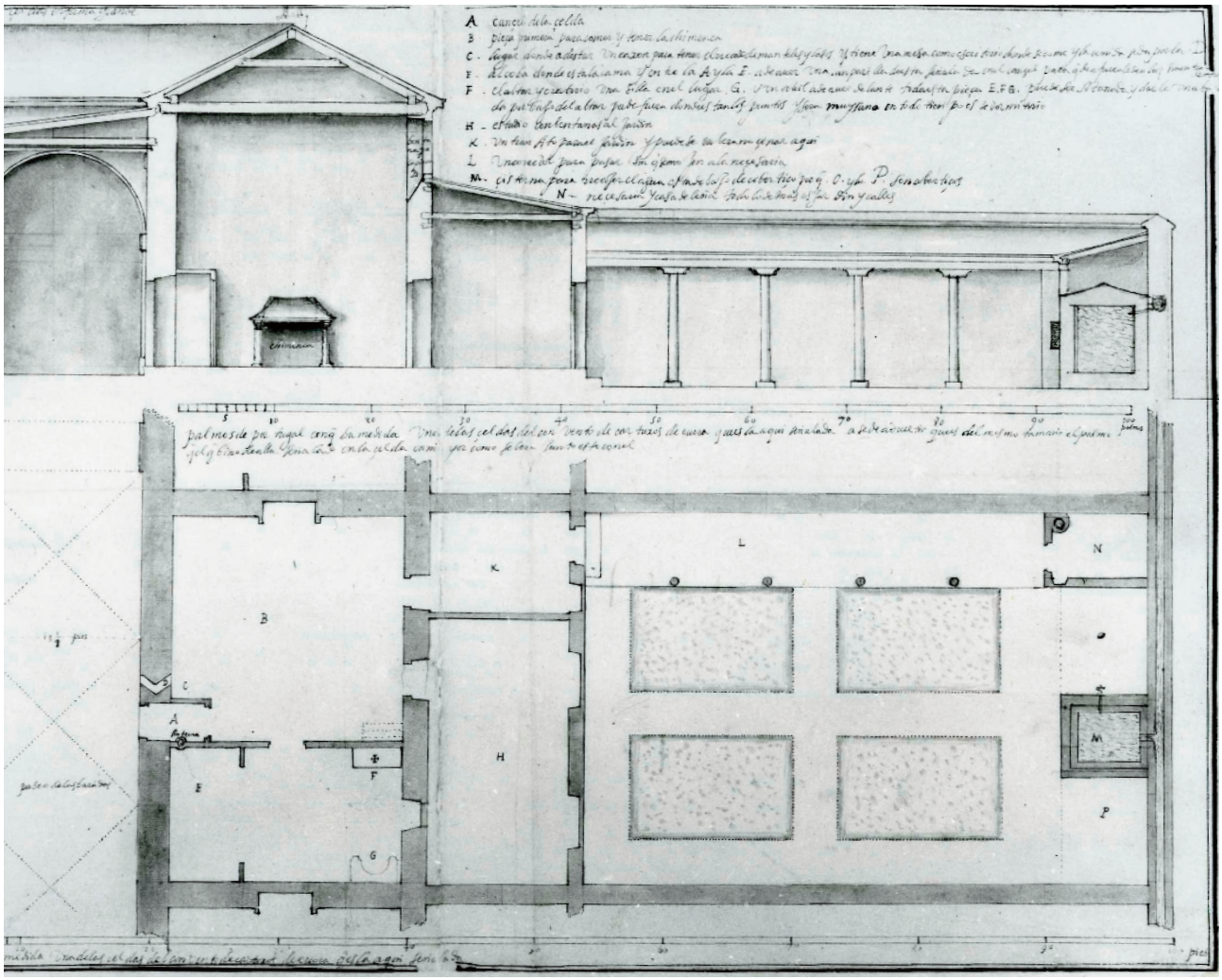








ANEXO I Biblioteca Pública de Madrid



62 Secção do plano realizado por Francisco de Mora

63 Plano do piso superior realizado por Francisco de Mora

64 Esquiço planimétrico realizado por Giovanni Vincenzo Casale

65 Plano intermédio realizado por Giovanni Vincenzo Casale

66 Plano e secção de uma cela-tipo realizado por Francisco de Mora

ANEXO II Convento da Cartuxa de Évora

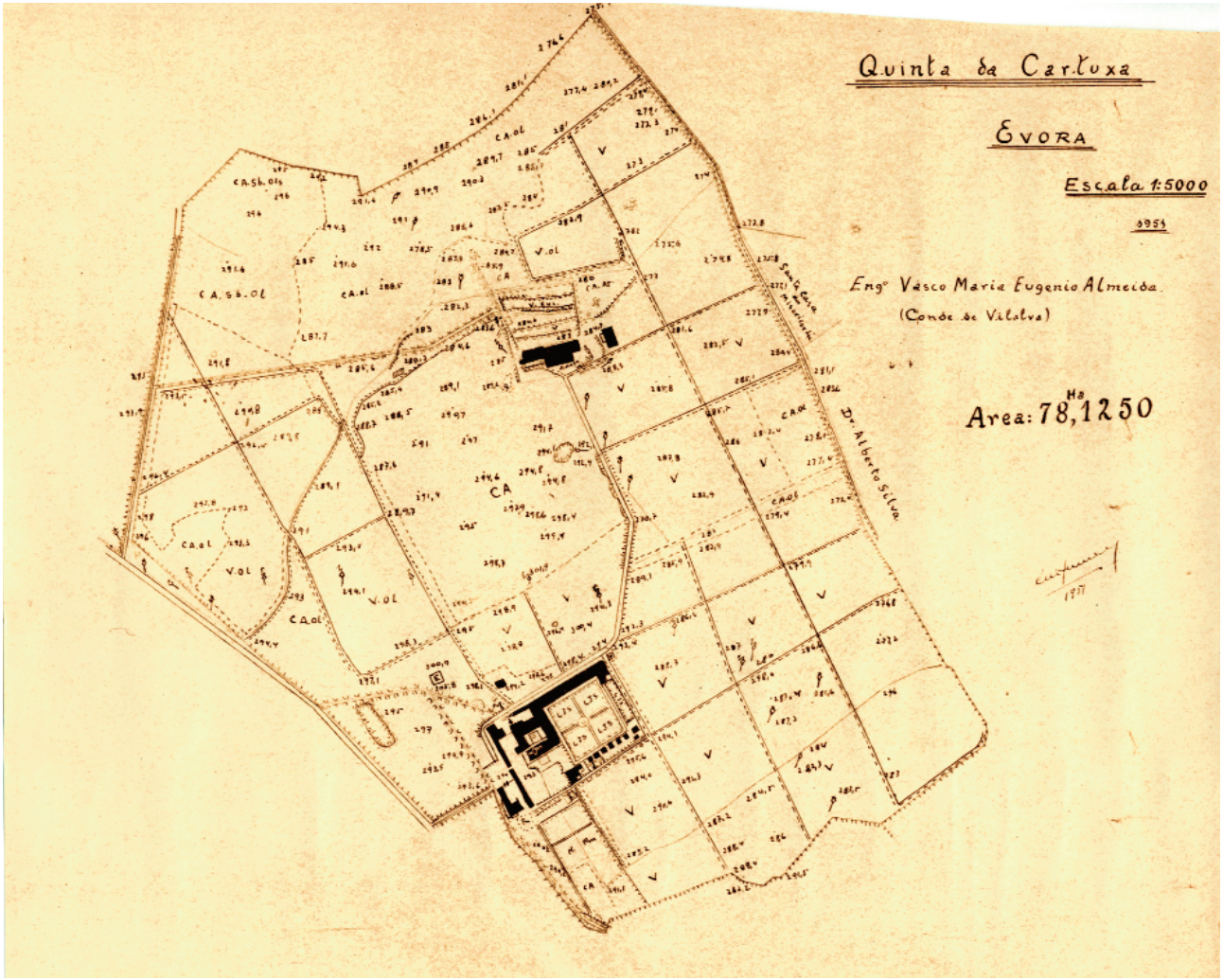
67 Antiga cela do prior em obras

68 Antiga cela do prior em ruína

69 Reconstrução do claustrinho sul

70 Reconstrução do claustrinho sul

ANEXO III Instituto de Cultura Vasco Vil'Alva



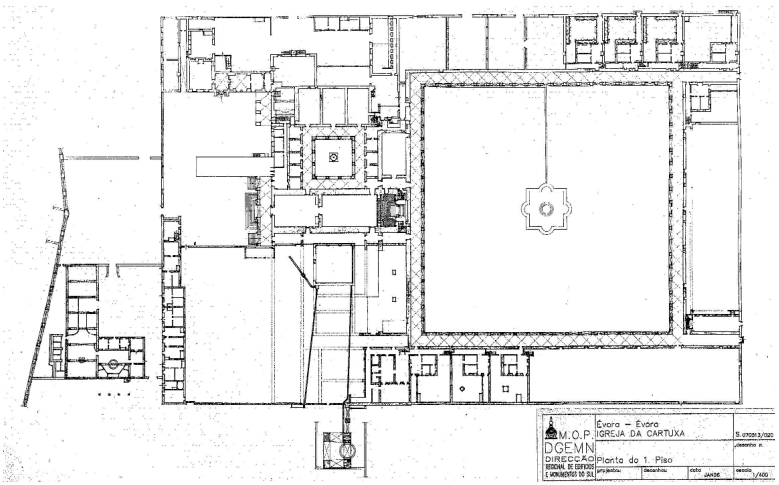
71 Cela-tipo em ruína

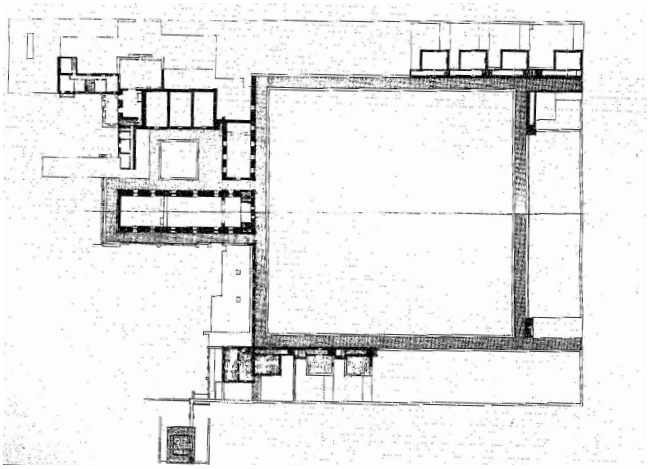
72 Cela-tipo reconstruida

73 Alpendre e jardim de cela-tipo destruídos

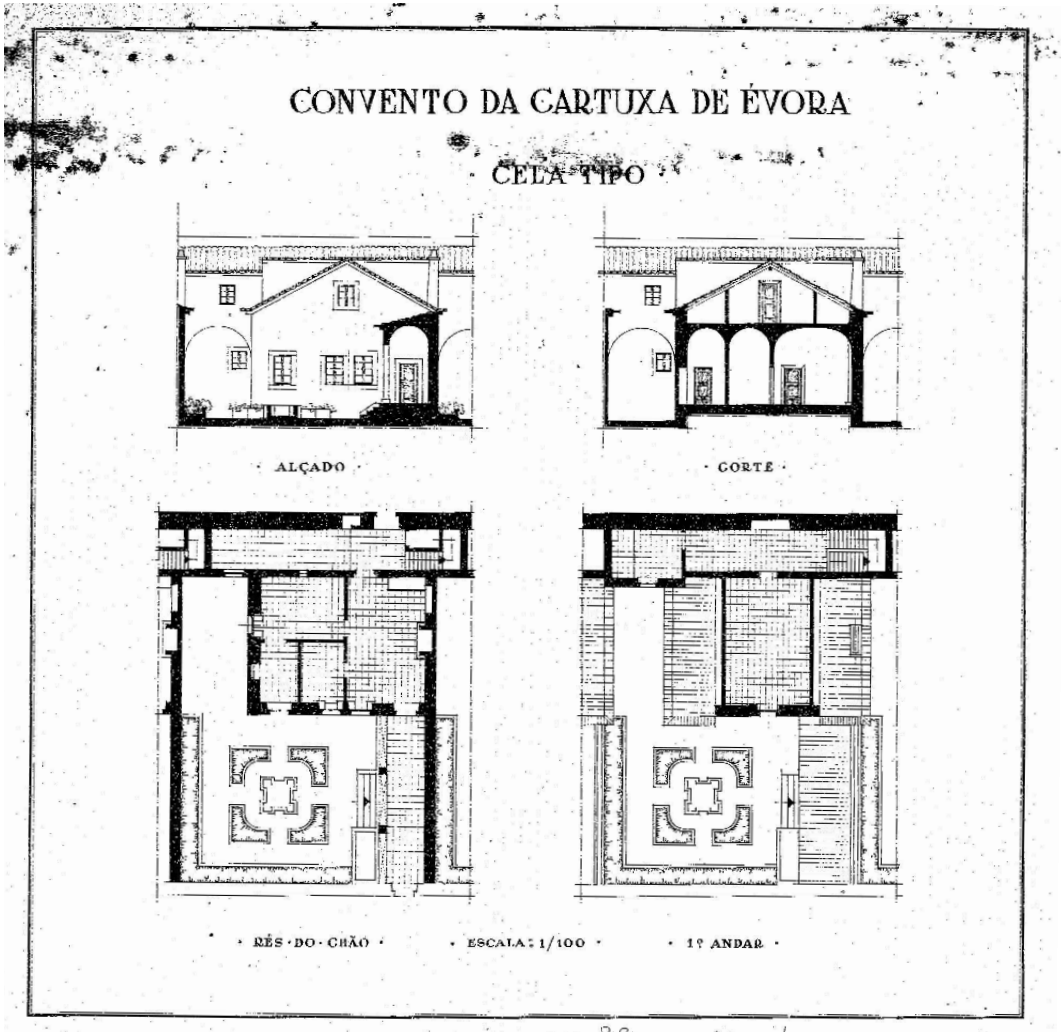
74 Alpendre e jardim de cela-tipo reconstruidos

75 Plano da Quinta da Cartuxa





ANEXO IV Arquivo da Direcção Geral de Edificios e Monumentos Nacionais



76 Plano do piso 00

77 Plano do piso 01

78 Planos e secções de uma cela-tipo

ANEXO V Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Évora

79 Igreja

80 Clastro grande

81 Tanque do claustro grande

82 Galeria do claustro grande

BIBLIOGRAFIA ESPECIFICA:

- ANIEL, Jean-Pierre, *Les Maisons de Chartreux. Des Origines a la Chartreuse de Pavie*, Droz, Genève and Arts et Métiers Graphiques, Paris, 1983;

- ARÍS, Carlos Martí, *Las Variaciones de la Identidad. Ensayo sobre el Tipo en Arquitectura,* Ediciones del Serbal, Barcelona, 1993;

- **AZEVEDO, Carlos Moreira**, *A Cartuxa: Actas do Colóquio Internacional,* Fundação Eugénio de Almeida, Évora, 2004;

- BRAUNFELS, Wolfgang, *Monasteries of Western Europe: The Architecture of the Orders*, Princeton University Press, Princeton, 1973;

- **CARAPINHA, Aurora**, *«Desertum, Claustrum e Hortus: Os Horizontes do Jardim Cartusiano»,* in *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos: Monumentos 10*, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, 1999, pp. 20-23;

- **CARAPINHA, Aurora**, *Os Jardins,* Fundação Eugénio de Almeida, Évora, 2004;

- **ESPANCA, Túlio**, *Inventário Artístico de Portugal: Concelho de Évora,* Academia Nacional de Belas-Artes, Lisboa, 1966;

- **GOMES, Josué Pinharanda**, *A Ordem da Cartuxa em Portugal,* Anacleta Cartusiana, Salzburg, 2004;

- **KUBLER, George**, *A Arquitectura Portuguesa Chã Entre as Especiarias e os Diamantes*, Vega, Lisboa, 1988;

- **LE-DUC, Viollet**, *Dictionnaire Raisonné de L'Architecture Française du XI au XVI siècle*, tome premier, Ve A. Morel & Cie Éditeurs, Paris, 1875.

- **LEONCINI, Giovanni**, *La Certosa di Firenze: Nei Suoi Rapporti com L'Architettura Certosina*, Anacleta Cartusiana, Salzburg, 1979;

- **MASCARENHAS, José Manuel** e **JORGE, Virgolino Ferreira**, *«Os Sistemas Hidráulicos»,* in *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos: Monumentos 10*, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, 1999, pp. 14-19;

- **MENDES, Susana Pastor Ferrão**, *Convento da Cartuxa,* Fundação Eugénio de Almeida, Évora, 2003;

- **PEREIRA, Sara**, *«O Restauro da Cartuxa de Évora pelos Condes de Vil'Alva (1942-1960)»* in *Revista do Instituto Superior de Teologia de Évora, ano XV – 2002, n.º 29*, Separata de Eborensia, Évora, 2002;

- **RAMALHO, José Filipe Cardoso**, *«A Intervenção da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais»,* in *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos: Monumentos 10*, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, 1999, pp. 42-65;

- SILVA, D. Bruno da*, Breve Memória Histórica sobre a Fundação e Existência até ao presente da Cartuxa de Évora*, Minerva Eborense, Évora, 1888;

- **SOROMENHO, Miguel**, *«A Cartuxa de Évora: Novos Dados e o Mito da sua Destruição em 1663»,* in *Revista Semestral de Edifícios e Monumentos: Monumentos 26*, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa, 2007, pp. 100-105;

- **SOUSA, António Caetano de**, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa,* Tomo V, Minerva Eborense, Évora, 1888;

- **UN CARTUJO DE AULA DEI**, *La Cartuja, San Bruno y sus Hijos*, La Editorial Vizcaína S.A., Bilbao 1961;

- **UM CARTUXO**, *A Cartuxa e a Vida Cartusiana,* Gráfica Eborense, Évora, 1995;

- **UM CARTUXO**, *S. Bruno, a Cartuxa e Évora,* Fundação Eugénio de Almeida, Évora, 2001;

- **UM CARTUXO**, *A Cartuxa de Portugal. Santa Maria Scala Coeli. Um Livro para os Curiosos,* Gráfica Eborense, Évora, 1966;

BIBLIOGRAFIA GERAL:

- **BUZZATI, Dino**, *O Deserto dos Tártaros,* Cavalo de Ferro Editores, Lisboa, 2008.

- **HEIDEGGER, Martin**, *Being and Time,* Harper and Row Publishers, New York, 1962;

- **MACHABERT, Dominique E BEAUDOUIN, Laurent**, *Álvaro Siza – Uma Questão de Medida,* Departement Architecture, Paris, 2008;

- **RAMÍREZ, Juan António**, *Como Escribir Sobre Arte y Arquitectura,* Ediciones del Serbal, Barcelona, 1996;

- **SHARR, Adam**, *La Cabaña de Heidegger,* Gustavo Gili, Barcelona, 2006;

- **TORGA, Miguel**, *Diário VI,* Coimbra Editora Limitada, Coimbra, 1961;

BIBLIOTECAS E ARQUIVOS CONSULTADOS:

- Arquivo da Biblioteca da Direcção Geral de Edifício e Monumentos Nacionais;

- Arquivo da Biblioteca Pública de Évora;

- Arquivo e Biblioteca do Instituto de Cultura Vasco Vil'Alva;

- Biblioteca da Universidade de Évora;

- Biblioteca da Ordem dos Arquitectos;

- Biblioteca da Fundação Calouste Gulbenkian;

- Biblioteca e Arquivo do Convento da Cartuxa de Évora.

CRÉDITOS DE IMAGENS

1 – © António Passaporte, referência: 0248, Arquivo Fotográfica da CME, anos 40/60;

2 – © Luís Ferro, 2009;

3 – © Luís Ferro, 2009;

4 – © Wolfgang Braunfels;

5 – © Luís Ferro, 2009;

6 – © Luís Ferro, 2009;

7 – © Luís Ferro, 2009;

8 – © Luís Ferro, 2009;

9 – © Luís Ferro, 2009;

10 – © Luís Ferro, 2009;

11 – © Luís Ferro, 2009;

12 – © Luís Ferro, 2009;

13 – © Luís Ferro, 2009;

14 – © Luís Ferro, 2009;

15 – © Luís Ferro, 2009;

16 – © Luís Ferro, 2009;

17 – © Luís Ferro, 2009;

18 – © Luís Ferro, 2009;

19 – © Luís Ferro, 2009;

20 – © Luís Ferro, 2009;

21 – © Luís Ferro, 2009;

22 – © Luís Ferro, 2009;

23 – © Luís Ferro, 2009;

24 – © Luís Ferro, 2009;

25 – © Colecção de fotografias sobre as obras de intervenção no Convento da Cartuxa Scala Coeli nas décadas de 1940 e 1950, (número 5), Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, anos 40/50;

26 – © Biblioteca Pública de Madrid;

27 – © Luís Ferro, 2009;

28 – © Biblioteca Pública de Madrid;

29 – © Luís Ferro, 2009;

30 – © Biblioteca Pública de Madrid;

31 – © Biblioteca Pública de Madrid;

32 – © Arquivo do Convento da Cartuxa;

33 – © Planta da Quinta da Cartuxa (parte do convento), escala 1:500, referência: ArmP:02/GV:01/16, Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, Março de 1951;

34 – © Processo de aquisição da Quinta da Cartuxa por José Maria Eugénio de Almeida, referência: 1870-1871.SI:01/Cx:069/Pt:02/Cp:05, Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida;

35 – © Colecção de fotografias sobre as obras de intervenção no Convento da Cartuxa Scala Coeli nas décadas de 1940 e 1950, (número 23), Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, anos 40/50;

36 – © Colecção de fotografias sobre as obras de intervenção no Convento da Cartuxa Scala Coeli nas décadas de 1940 e 1950, (número 24), Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, anos 40/50;

37 – © Colecção de fotografias sobre as obras de intervenção no Convento da Cartuxa Scala Coeli nas dé-

cadas de 1940 e 1950, (número 49), Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, anos 40/50;

38 – © Colecção de fotografias sobre as obras de intervenção no Convento da Cartuxa Scala Coeli nas décadas de 1940 e 1950, (número 50), Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, anos 40/50;

39 – © Colecção de fotografias sobre as obras de intervenção no Convento da Cartuxa Scala Coeli nas décadas de 1940 e 1950, (número 36), Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, anos 40/50;

40 – © Colecção de fotografias sobre as obras de intervenção no Convento da Cartuxa Scala Coeli nas décadas de 1940 e 1950, (número 37), Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, anos 40/50;

41 – © Luís Ferro, 2009;

42 – © Direcção Regional de Edifícios e Monumentos do Sul;

43 – © Luís Ferro, 2009;

44 – © Luís Ferro, 2009;

45 – © Google Earth;

46 – © Google Earth;

47 – © Luís Ferro, 2009;

48 – © Luís Ferro, 2009;

49 – © Luís Ferro, 2009;

50 – © Luís Ferro, 2009;

51 – © Luís Ferro, 2009;

52 – © Luís Ferro, 2009;

53 – © Luís Ferro, 2009;

54 – © Luís Ferro, 2009;

55 – © Luís Ferro, 2009;

56 – © http//www.paradoxplace.com;

57 – © Luís Ferro, 2009;

58 – © Luís Ferro, 2009;

59 – © Luís Ferro, 2009;

60 – © Luís Ferro, 2009;

61 – © Luís Ferro, 2009;

62 – © Luís Ferro, 2009;

63 – © Biblioteca Pública de Madrid;

64 – © Biblioteca Pública de Madrid;

65 – © Biblioteca Pública de Madrid;

66 – © Biblioteca Pública de Madrid;

67 – © Biblioteca Pública de Madrid;

68 – © Arquivo do Convento da Cartuxa de Évora;

69 – © Arquivo do Convento da Cartuxa de Évora;

70 – © Arquivo do Convento da Cartuxa de Évora;

71 – © Arquivo do Convento da Cartuxa de Évora;

72 – © Colecção de fotografias sobre as obras de intervenção no Convento da Cartuxa Scala Coeli nas décadas de 1940 e 1950, (número 41), Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, anos 40/50;

73 – © Colecção de fotografias sobre as obras de intervenção no Convento da Cartuxa Scala Coeli nas décadas de 1940 e 1950, (número 42), Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, anos 40/50;

74 – © Colecção de fotografias sobre as obras de intervenção no Convento da Cartuxa Scala Coeli nas décadas de 1940 e 1950, (número 39), Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, anos 40/50;

75 – © Colecção de fotografias sobre as obras de intervenção no Convento da Cartuxa Scala Coeli nas décadas de 1940 e 1950, (número 40), Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, anos 40/50;

76 – © Planta da Quinta da Cartuxa, referência: ArmP:02/GV:01/04, Arquivo e Biblioteca Eugénio de Almeida, 1951;

77 – © Direcção Regional de Edifícios e Monumentos do Sul;

78 – © Direcção Regional de Edifícios e Monumentos do Sul;

79 – © Direcção Regional de Edifícios e Monumentos do Sul;

80 – © Marcolino Silva, referência: 2057, Arquivo Fotográfico CME, década de 60;

81 – © António Passaporte, referência: 0216, Arquivo Fotográfica da CME, anos 40/60;

82 – © Marcolino Silva, referência: 2053, Arquivo Fotográfico CME, década de 60;

83 – © Marcolino Silva, referência: 2034, Arquivo Fotográfico CME, década de 60.

INDICE ONOMÁSTICO

A

Alentejo – 82

Arís, Carlo Martí – 72

Áustria, João de – 54

B

Bellot, Joan – 54

Biblioteca da Universidade de Évora – 16

Biblioteca e Arquivo do Convento da Cartuxa – 16

Bragança, D. Teotónio de – 50

C

Carapinha, Aurora – 38

Carmelita de Nossa Senhora dos Remédios – 54

Casale, Giovanni Vincenzo – 42, 54, 60, 62

D

Deus – 14, 32

Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais – 12, 16, 52, 54

E

Egipto – 18

Espanca, Túlio – 54

Eugénio de Almeida; José Maria – 56; Carlos Maria – 56; Vasco Maria – 58; Conde – 60, 62; Conde de Vil'Alva

56; Casa Agrícola Eugénio de Almeida – 56

Évora – 14, 50, 56, 76, 82

F

Frias, Nicolau – 12.

G

Grande Chartreuse – 58, 74, 76; Vale de Chartreuse – 82

H

Hospicio de Donzelas Pobres de Évora – 56

I

Instituto de Cultura Vasco Vil'Alva – 16, 56

L

Lanspérgio, João – 14

Léger – 20

Lima, Dª Maria do Patrocínio Biester de Barros – 56

M

Magalhães – 56

Maximino, Mestre José – 62

D. Manuel, Palácio de – 50

Monte Cassino – 70

Mora, Francisco de – 50, 52

O

Ordem Beneditina – 18; Beneditino – 70

Ordem de Camaldoli – 18, 20

P

Papa Gregório XIII – 50

Pavia – 78

Pereira, Pedro Vaz – 54

Pereira, Sara – 16

Portugal – 50, 62, 80

Port-Saint-Marie – 72, 74, 76, 78, 80; Viollet Le-Duc – 72

S

Santa Maria de El Paular – 50

Santa Maria Scala Coeli – 14, 16, 18, 20, 26, 32, 38, 50, 54, 62, 70, 72, 74, 76, 78, 80; Casa Cartusiana – 64, 82; Convento – 60; Quinta da Cartuxa – 56; Scala Coeli – 74;

Santa Maria de Miraflores – 76

Santa Maria de Montalegre – 78

Saint-Barnard de Romans – 20

São Bento de Núrsia – 18

São Bruno – 14, 16, 20, 82

São Romualdo – 18

Sélignac – 80

Serrão, Vitor – 54

Spanoqui, Tiburcio – 50

T

Telm, D. Luís – 50

Terzi, Filippo – 50, 54

Torga, Miguel – 28

Torres, Jerónimo – 54

V

Valladas, Raymundo – 56

Vieira, Álvaro Siza – 38